

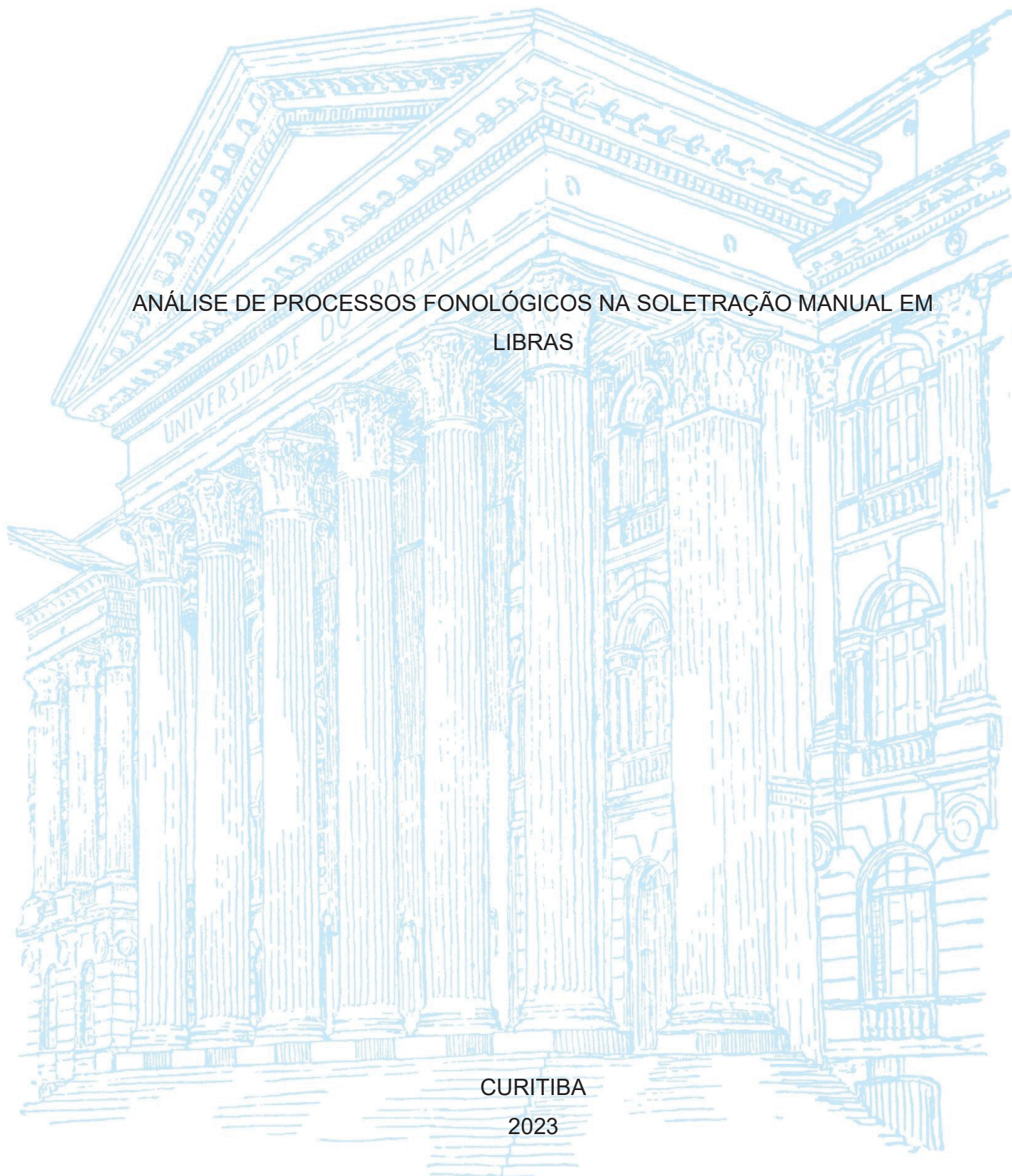
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLOVIS BATISTA DE SOUZA

ANÁLISE DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM
LIBRAS

CURITIBA

2023



CLOVIS BATISTA DE SOUZA

ANÁLISE DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM
LIBRAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. André Nogueira Xavier

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Souza, Clovis Batista de

Análise de processos fonológicos na soletração manual em Libras. / Clovis Batista de Souza. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. André Nogueira Xavier.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Soletração manual.
3. Fonologia. 4. Surdos – Meios de comunicação. I. Xavier, André Nogueira, 1980-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **CLOVIS BATISTA DE SOUZA** intitulada: **ANÁLISE DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM LIBRAS**, sob orientação do Prof. Dr. ANDRE NOGUEIRA XAVIER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

27/02/2023 20:43:28.0

ANDRE NOGUEIRA XAVIER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

28/02/2023 12:23:04.0

FELIPE VENANCIO BARBOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 16:09:04.0

CRISTIANE CONCEIÇÃO DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais **Calil Moreira de Souza** e **Nair da Assunção Souza** (*in memoriam*), que me deram sabedoria e força.

Ao estimado mestre André Xavier, pelos seus ensinamentos, me fazem crescer a cada dia e pelas experiências compartilhadas ao longo desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à minha rainha **Carla** e à minha princesa **Khasseslye**, porque sempre me incentivaram, me apoiaram e me amaram nos momentos mais difíceis, não me deixando desistir.

Ao professor **André Xavier** que plantou uma semente de conhecimento em mim, por ter me dado uma oportunidade de estudo, pelos vários momentos de discussão e pela sua incansável dedicação e prestatividade com este trabalho. Obrigado pelo apoio, incentivo e confiança, fazendo-me acreditar nesta pesquisa e concretizá-la. Muito obrigado pelas orientações valiosas e imprescindíveis, que não tinha dia e hora para trocar idéias e esclarecimentos de alguns detalhes, ainda que mínimos. Agradeço imensamente a você. Saiba que é um modelo para mim.

À Profa. Dra. **Cristiane Conceição Silva**, pelas contribuições na elaboração do projeto de pesquisa que culminou na realização deste trabalho e pela co-orientação informal. A ela, ao Prof. Dr. **Felipe Venâncio Barbosa** e ao Prof. Dr. **Andrew Nevins**, pelas importantes sugestões na banca de qualificação que muito contribuíram para a melhora da pesquisa aqui apresentada. Agradeço também por aceitarem participar como banca avaliadora do meu trabalho naquela ocasião e na defesa.

Aos amigos da família **Haiduki** e **J's** pela convivência e momentos de lazer, todas as vezes que estava necessitado, os momentos juntos contribuíram para amenizar o estresse, a ansiedade, as inquietações fazendo-me voltar ao caminho deste trabalho.

À minha sobrinha **Nicole Medeiros**, pelo apoio na elaboração dos resultados da estatística, pois seu domínio do Excel ajudou-me mesmo sem ter conhecimento da área. Gratidão imensa.

Ao influenciador digital **Roberto Castejon**, por permitir a utilização de sua imagem no texto. Obrigado por suas publicações na plataforma do Youtube, que enriquecem e promovem a libras e contribuem com seu estudo.

À **Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR**, que contribuiu para que eu desse mais um passo na minha trajetória acadêmica. Ao abrir as portas para os surdos e para a comunidade surda, vem oportunizando a realização de pesquisas voltadas aos estudos linguísticos da libras por pessoas surdas.

Além disso, agradeço aos colegas das disciplinas **Katherine, Ronaldy, Rafaela, Thiago, Priscila, Heloise, Thyago** e outros pelas trocas de experiências e discussões que possibilitaram refletir e analisar tantos aspectos da libras. E à **Amanda Silva**, que muito gentilmente compartilhou seus conhecimentos em nossas várias discussões sobre processos fonológicos e me deu contribuições enriquecedoras. Muito obrigado a todos pelas várias e longas discussões que contribuíram e muito para reflexões sobre nossos estudos.

À professora **Sueli Fernandes**, pioneira na área da libras da UFPR. Graças à sua luta, foi criado o curso de licenciatura em Letras Libras em nossa universidade e foram abertas muitas portas à comunidade surda, aos professores surdos e aos intérpretes. Muito obrigado por sua persistência.

Aos professores **Sueli Fernandes, Jefferson Jesus, Lídia da Silva e Kelly Lóddo**, por terem me encantado e me inspirado em sua atuação como professores do curso de Letras Libras. Devo a vocês parte do conhecimento que adquiri para meu crescimento profissional e afetivo.

Às minhas irmãs **Cida e Edina** (*in memoriam*), à minha **família**, meus **afilhad@s**, que moram longe, e aos meus **amig@s**, pela compreensão e respeito nas vezes que não pude estar presente. Além disso, agradeço à coordenação e aos colegas do curso de licenciatura em Letras Libras, **Marcelo, Daiane, Daltro, Paulo, Klicia, Danilo e Brenno**.

Enfim, agradeço à **SIPAD** por disponibilizar tradutores e intérpretes de Libras para minha Qualificação e Defesa. Aproveito para expressar minha gratidão para os tradutores e intérpretes **Priscila Simões e Thiago Steven**, pelo seu primoroso trabalho nessas ocasiões.

Agradeço também ao tradutor e intérprete **Thyago**, por interpretar voluntariamente algumas aulas do professor André, além de outros eventos de que participei, como, por exemplo, a semana de Letras Libras da UFPR.

Em suma, registro aqui meus agradecimentos com carinho a todas pessoas que contribuíram com minha jornada até aqui.

“Fingerspelling may over time have become entrenched in the language”.
(PADDEN; GUNSAULS, 2003, p.31)

RESUMO

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a “soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português” (p.88). As autoras dizem que esse recurso é normalmente empregado, por exemplo, quando se quer fazer referência a uma palavra técnica para a qual ainda não existe sinal. O objetivo deste trabalho é, com base em Silva e Xavier (2020, 2022), analisar processos fonológicos na soletração manual na libras. No estudo sobre os processos fonológicos na libras, os autores identificaram quatro categorias. Em uma delas, denominada "geral", eles incluíram processos como assimilação e metátese, também observados nas línguas faladas. Nas outras três, a saber, "mão não-dominante", "locação" e "movimento", incluíram processos fonológicos exclusivos às línguas sinalizadas. Precisamente, na categoria designada como "mão não-dominante", foram incluídos processos como, por exemplo, a antecipação e a perseveração da mão não-dominante de sinais bimanuais durante a produção de sinais monomanuais. Nas duas outras categorias restantes, "locação" e "movimento", foram incluídos, respectivamente, a contralateralização, ou seja, realização no lado contralateral de sinais tipicamente articulados no lado ipsilateral e a distalização, produção, com uma articulação mais distante do tronco, do movimento de um sinal, normalmente produzido através de flexões de uma articulação mais próxima dele. Para a análise aqui proposta, foram coletados dados de vídeos do Youtube disponibilizados por um sinalizante surdo, também investigado em estudos anteriores (SILVA, 2021; SILVA, XAVIER, 2022). Esses dados foram classificados de acordo com as categorias propostas por Silva e Xavier (2020). As produções foram analisadas no software Elan (*Eudico Language Annotator*) e no Excel. Primeiramente, foram identificadas as soletrações manuais e em seguida, foram anotadas informações sobre o contexto em que cada soletração manual foi produzida, como por exemplo, entre sinais. Os resultados obtidos mostraram, primeiramente, a necessidade de adaptação de algumas categorias proposta por Silva e Xavier (2020) para a análise da soletração manual. Considerando que a libras utiliza um alfabeto monomanual, a maior parte dos processos relacionados à mão não-dominante, por exemplo, não foram observados. No entanto, observei que o polegar e o dedo mínimo parecem se comportar de forma análoga à mão não-dominante, no sentido de poderem perseverar ou ser antecipados durante a produção de outra(s) letra(s) manual(is). Apesar desta e de outras adaptações, foi identificada na soletração manual a maioria dos processos fonológicos identificados na produção de sinais por Silva e Xavier (2020), a saber, assimilação, metátese, não realização de contato, apagamento e inserção de movimento. Com esse estudo, apresento evidências para o tratamento da soletração manual como parte da libras e não como um sistema separado, empregado apenas na realização de empréstimos linguísticos.

Palavras-chave: Soletração manual. Fonologia. Processos fonológicos. Libras.

ABSTRACT

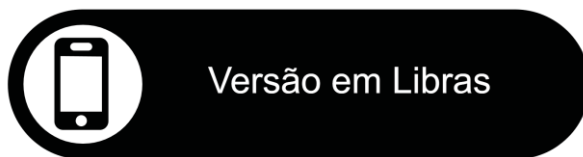
According to Quadros and Karnopp (2004), “fingerspelling is not a direct representation of Portuguese, it is a manual representation of Portuguese spelling, involving a sequence of hand configurations that correspond to the sequence of written Portuguese letters” (p. 88). The authors say that this resource is normally used, for example, when one wants to refer to a technical word for which there is still no sign. The goal of this work is, based on Silva and Xavier (2020, 2022), to analyze phonological processes in fingerspelling. Silva & Xavier grouped the phonological processes they identified in Libras into four categories. In one of them, called “general”, they included processes such as assimilation and metathesis, also observed in spoken languages. In the other three, namely “non-dominant hand”, “location” and “movement”, they included phonological processes unique to signed languages. Precisely, in the category designated as “non-dominant hand”, they included processes such as the anticipation and perseveration of the non-dominant hand in two-handed signs during the production of one-handed signs. In the two remaining categories, “location” and “movement”, they included, respectively, contralateralization, that is, the realization of signs typically articulated on the ipsilateral side on the contralateral side of the body, and distalization, the production of the movement of a sign, normally articulated through flexions of a joint closest to it with an articulation farther from the trunk. For the analysis proposed here, data were collected from YouTube videos made available by a deaf signer from Goiás, also investigated in previous studies (SILVA, 2021; SILVA, XAVIER, 2022). These data were classified according to the categories proposed by Silva and Xavier (2020) through their analysis in the Elan (Eudico Language Annotator) and Excel, where I annotated information about the context in which each fingerspelling was produced, for example, in-between signs. The results obtained indicate, firstly, the need to adapt some categories proposed by Silva and Xavier (2020) for the analysis fingerspelling. Considering that Libras uses a one-handed manual alphabet, most of the processes related to the non-dominant hand, for example, were not observed. However, I noticed that the thumb and little finger seem to behave in an analogous way to the non-dominant hand, in the sense that they can persevere or be anticipated during the production of other manual letter(s). Despite this and other adaptations, most of the phonological processes identified in sign production by Silva and Xavier (2020) were identified in fingerspelling, namely, assimilation, metathesis, no realization of contact, movement deletion and insertion. With this study, I offer evidence for the treatment of fingerspelling as part of Libras and not as a separate system, employed only to borrow elements from spoken languages.

Keywords: Fingerspelling. Phonology. Phonological processes. Libras.

RESUMO EM LIBRAS



FONTE: Produzido pelo autor.
<https://youtu.be/W66lQ6fNFcc>



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ALFABETO MANUAL DA LIBRAS.....	24
FIGURA 2 – EXEMPLO DE SOLETRAÇÃO DE PALAVRA TÉCNICA	24
FIGURA 3 – ALFABETO MANUAL DA YEBRA (1593).....	28
FIGURA 4 – CAPA DA OBRA DE JUAN PABLO BONET	29
FIGURA 5 – LINHAGENS DE PUBLICAÇÕES DE ALFABETOS MANUAIS.....	31
FIGURA 6 – CATEGORIAS GRAMATICAIS DAS PALAVRAS SOLETRADAS DA ASL	33
FIGURA 7 – FREQUÊNCIA DE PALAVRAS SOLETRADAS DE ACORDO COM A ESCOLARIDADE DOS SINALIZANTES DA ASL	33
FIGURA 8 – (A) PALAVRA SOLETRADA E (B) SINAL SOLETRADO WHAT ‘QUE’	34
FIGURA 9 – SINAL SOLETRADO SURE ‘CERTEZA’ DA ASL.....	35
FIGURA 10 – SOLETRAÇÃO DE PALAVRA EARLY ‘CEDO’	35
FIGURA 11 – SINAL SOLETRADO (A) WHAT ‘O-QUE’ E (B) BUT ‘MAS’ DA ASL..	36
FIGURA 12 – SINAL SOLETRADO HA ‘RISO’	36
FIGURA 13 – SOLETRAÇÃO COM DUAS MÃOS DA PALAVRA OFF ‘DESLIGADO’	37
FIGURA 14 – ESTRUTURA DO LÉXICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	38
FIGURA 15 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIA DE ANÁLISE PROPOSTAS POR PINHEIRO E XAVIER (2019).....	43
FIGURA 16 – ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO E DO NÚMERO DE MÃOS NO SINAL EU E SABER-NÃO	48
FIGURA 17 – ASSIMILAÇÃO DA ORIENTAÇÃO DA PALMA DA LETRA MANUAL A PELA LETRA MANUAL C	48
FIGURA 18 – (A) FORMA CANÔNICA DO SINAL MEI@-DIA E (B) FORMA COM ASSIMILAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO SINAL MEI@	49
FIGURA 19 – ASSIMILAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS NO SINAL EU	49
FIGURA 20 – METÁTESE DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO NO SINAL COMPRAR	50
FIGURA 21 – METÁTESE DA LOCAÇÃO NO SINAL ESPECIAL.....	50
FIGURA 22 – METÁTESE DO MOVIMENTO DA MÃO DOMINANTE PARA A MÃO NÃO-DOMINANTE NO SINAL FACA	51
FIGURA 23 – ANTECIPAÇÃO DO SINAL MISTURAR.....	52

FIGURA 24 – PERSEVERAÇÃO DA MÃO NÃO DOMINANTE DO SINAL LETRAS-LIBRAS	52
FIGURA 25 – CONGELAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE DO SINAL MESMA-COISA	53
FIGURA 26 – SINAL EXPLICAR EM SUA FORMA (A) BIMANUAL E (B) COM APAGAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE	53
FIGURA 27 – SINAL DIFERENTE (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) COM ABAIXAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE.....	54
FIGURA 28 – SINAL VIDA (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) IPSILATERALIZADO	55
FIGURA 29 – SINAL IDADE (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) CONTRALATERALIZADO	55
FIGURA 30 – SINAL PESSOA NEUTRALIZADO	56
FIGURA 31 – SINAL MARAVILHOS@ (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) ALÇADO	56
FIGURA 32 – SINAL BÁSIC@ (A) EM SUA FORMA CANÔNICA COM CONTATO E (B) SEM CONTATO	57
FIGURA 33 – INSERÇÃO DE TRANSIÇÃO ENTRE OS SINAIS CINCO E NOVE ..	57
FIGURA 34 – SINAL BONIT@ (A) COM SUA ESTRUTURA FONOLÓGICA COMPLETA E (B) COM APÓS SOFRER APAGAMENTO DA SUSPENSÃO FINAL.....	58
FIGURA 35 – SINAL FILME (A) EM SUA FORMA CANÔNICA COM VÁRIAS REPETIÇÕES DA ROTAÇÃO E (B) SOFREDO REDUÇÃO DE ROTAÇÃO	59
FIGURA 36 – SINAL COR (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) COM REDUÇÃO NO NÚMERO DE OSCILAÇÕES.....	60
FIGURA 37 – REDUÇÃO DO NÚMERO DE REPETIÇÕES DO MOVIMENTO DO SINAL POR-QUE	60
FIGURA 38 – SINAL LEGAL (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) SOFREDO DISTALIZAÇÃO	61
FIGURA 39 – SINAL ADAPTAR (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) SOFREDO PROXIMALIZAÇÃO	61
FIGURA 40 – ILUSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DE CORDEIRO (2019)	62
FIGURA 41 – ASSIMILAÇÃO NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA CESTA.....	63

FIGURA 42 – CANAL DO YOUTUBE DE ROBERTO CASTEJON.....	64
FIGURA 43 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS NO CÓRPUS.....	67
FIGURA 44 – TRANSCRIÇÃO NO ELAN	69
FIGURA 45 – EXPORTAÇÃO PARA O EXCEL DOS DADOS DO ELAN.....	69
FIGURA 46 – ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DA LETRA MANUAL U PELA LETRA MANUAL E NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZEUS	73
FIGURA 47 – ASSIMILAÇÃO DA ORIENTAÇÃO DA LETRA MANUAL Z PELAS LETRAS MANUAIS U-M-B NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZUMBI	73
FIGURA 48 – ASSIMILAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO SINAL NU PELA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA NUDES.....	74
FIGURA 49 – ASSIMILAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA OVO.....	74
FIGURA 50 – METÁTESE DAS LETRAS MANUAIS I E A DURANTE A SOLETRAÇÃO DO NOME NIALL.....	75
FIGURA 51 – METÁTESE DO MOVIMENTO DA LETRA MANUAL Z ZACHARDY .	76
FIGURA 52 – ANTECIPAÇÃO DO POLEGAR DA LETRA MANUAL S DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL U NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZEUS	77
FIGURA 53 – ANTECIPAÇÃO DO DEDO MÍNIMO DA LETRA MANUAL C DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL I NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA RECIFES	77
FIGURA 54 – PERSEVERAÇÃO DO POLEGAR DA LETRA MANUAL L DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL U NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA GLÚTEO	78
FIGURA 55 – PERSEVERAÇÃO DO DEDO MÍNIMO DA LETRA MANUAL I DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL N-G NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA DINGO	78
FIGURA 56 – REGIÃO DA SOLETRAÇÃO MANUAL.....	79
FIGURA 57 – IPSILATERALIZAÇÃO DA LETRA MANUAL A DURANTE SOLETRAÇÃO DA PALAVRA FUNDO	80
FIGURA 58 – CONTRALATERALIZAÇÃO DA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA HOSTEL.....	80

FIGURA 59 – ALÇAMENTO DAS LETRAS MANUAIS O E T DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA BOTA	81
FIGURA 60 – ABAIXAMENTO DA LETRA MANUAL O DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA HIGINO.....	81
FIGURA 61 – INSERÇÃO DE MOVIMENTO DE TRANSIÇÃO DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA NUNCA	83
FIGURA 62 – APAGAMENTO DA LETRA MANUAL T DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA NETFLIX.....	83
FIGURA 63 – APAGAMENTO DE MOVIMENTOS NA LETRA MANUAL Z DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA ZEUS	84
FIGURA 64 – REDUÇÃO DA ROTAÇÃO DA LETRA MANUAL H DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA HOSTEL.....	84
FIGURA 65 – REDUÇÃO NO NÚMERO DE TREMULAÇÕES DA LETRA MANUAL Ç DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA VIBRAÇÃO.....	85
FIGURA 66 – A LETRA U DISTALIZADO DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA NUNCA.....	85
FIGURA 67 – INSERÇÃO DE MOVIMENTO DA LETRA MANUAL L DURANTE A SOLETRAÇÃO DO NOME NIAL.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – TIPOS DE SOLETRAÇÃO MANUAL IDENTIFICADOS	66
GRÁFICO 2 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS	70
GRÁFICO 3 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS EM DIFERENTES CONTEXTOS.....	71
GRÁFICO 4 – FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL	72
GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS DA CATEGORIA GERAL	89
GRÁFICO 6 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE ASSIMILAÇÃO.....	90
GRÁFICO 7 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE METATÉSE.....	90
GRÁFICO 8 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS À CATEGORIA MÃO NÃO- DOMINANTE, POLEGAR E DEDO MINIMO	91
GRÁFICO 9 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS À LOCALIZAÇÃO.....	91
GRÁFICO 10 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS AO MOVIMENTO.....	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1– EXEMPLIFICAÇÃO DOS DIFERENTES GRAUS DE NATIVIZAÇÃO	39
QUADRO 2 – TIPOS DE APAGAMENTO	45
QUADRO 3 – TIPOS DE ADIÇÃO	45
QUADRO 4 – TIPOS DE TRANSPOSIÇÃO.....	46
QUADRO 5 – TIPOS DE TRANSPOSIÇÃO.....	46
QUADRO 6 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE PROPOSTAS POR SILVA E XAVIER (2021)	47
QUADRO 7 – DIFERENTES ESTÁGIOS NA INCORPORAÇÃO DE ITENS DE OUTRAS LÍNGUAS SEGUNDO CARVALHO (2009)	65
QUADRO 8 – CONTEXTOS DA SOLETRAÇÃO MANUAL	67
QUADRO 9 – TIPOS DE PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	68
QUADRO 10 – COMPARAÇÃO OS PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL COM BASE EM SILVA E XAVIER (2020).	87

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

Libras	Língua Brasileira de Sinais
ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
BSL	British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
ELAN	<i>Eudico Language Annotator</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	23
1.2 OBJETIVOS	25
1.2.1 Objetivo geral	25
1.2.2 Objetivos específicos.....	25
1.3 JUSTIFICATIVA	25
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	26
2 A SOLETRAÇÃO MANUAL	27
2.1 DE ONDE VÊM OS ALFABETOS MANUAIS E COMO FORAM INCORPORADOS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS?	27
2.2 COMO OS ALFABETOS MANUAIS SE ESPALHARAM PELO MUNDO?.....	30
2.3 CONTATO LINGUÍSTICO	31
2.4 EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO VIA ALFABETO MANUAL	34
2.4.1 Empréstimo na libras.....	42
3 PROCESSOS FONOLÓGICOS	45
3.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS EM PORTUGUÊS	45
3.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS NA LIBRAS	46
3.1 GERAL	47
3.1.1 Assimilação	47
3.1.1.1 Configuração de mão	47
3.1.1.2 Orientação	48
3.1.1.3 Localização.....	48
3.1.1.4 Acréscimo da mão não dominante	49
3.1.2 Metátese.....	49
3.1.2.1 Configuração de mão	50
3.1.2.2 Localização.....	50
3.1.2.3 Movimento	51
3.2 MÃO NÃO-DOMINANTE.....	51
3.2.1 Antecipação.....	51
3.2.2 Perseveração	52
3.2.3 Congelamento	52
3.2.4 Apagamento	53

3.2.5 Abaixamento	53
3.3 LOCALIZAÇÃO	54
3.3.1 Ipsilateralização.....	54
3.3.2 Contralateralização	55
3.3.3 Neutralização	55
3.3.4 Alçamento	56
3.3.5 Não-realização do contato.....	56
3.4 MOVIMENTO	57
3.4.1 Inserção de movimento de transição.....	57
3.4.2 Apagamento	58
3.4.3 Apagamento da suspensão entre movimentos	58
3.4.4 Redução do número de rotações	59
3.4.5 Redução do número de oscilações	59
3.4.6 Redução do número de repetições (sequência única)	60
3.4.7 Distalização	60
3.4.8 Proximalização	61
3.5 PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL.....	61
4 MATERIAL E MÉTODOS	64
4.1 FONTE DE DADOS	64
4.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO	65
4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	66
4.3.1 Frequência	66
4.3.2 Contexto	67
4.3.3 Processos fonológicos.....	68
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	69
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	70
5.1 FREQUÊNCIA.....	70
5.2 CONTEXTO	70
5.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS	71
5.3.1 Geral.....	72
5.3.1.1 Assimilação	72
5.3.1.2 Metátese.....	75
5.3.2 Mão não-dominante – Polegar/Dedo mínimo	76
5.3.2.1 Antecipação	77

5.3.2.2 Perseveração	78
5.3.3 Localização	79
5.3.3.1 Ipsilateralização.....	79
5.3.3.2 Contralateralização.....	80
5.3.3.3 Alçamento.....	81
5.3.3.4 Abaixamento.....	81
5.3.4 Movimento.....	82
5.3.4.1 Inserção de transição	82
5.3.4.2 Apagamento de suspensão entre movimentos.....	83
5.3.4.3 Apagamento de movimento.....	83
5.3.4.4 Redução do número de oscilações ou tremulações	85
5.3.4.5 Distalização	85
5.3.4.6 Inserção de movimento	86
6 COMPARAÇÃO ENTRE PROCESSOS FONOLÓGICOS EM SINAIS E NA	
SOLETRAÇÃO	87
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS	93
7.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	94
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE 1 – LISTA DE VÍDEOS DO CANAL DO YOUTUBE DE ROBERTO	
CASTEJON UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS	98
APÊNDICE 2 – LISTA DE PALAVRAS SOLETRADAS	99

1 INTRODUÇÃO

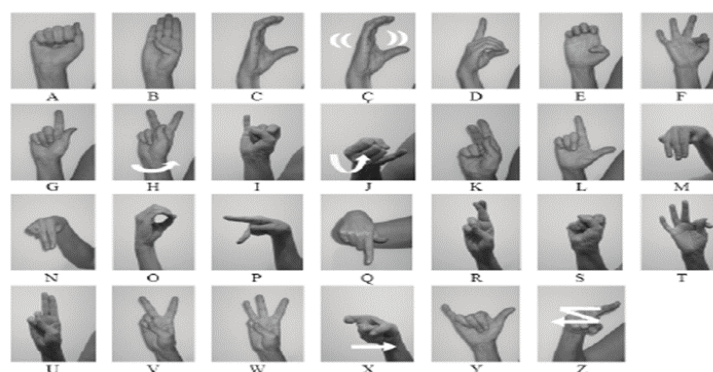
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A libras, língua brasileira de sinais, é a língua da comunidade surda brasileira que, frente à comunidade ouvinte falante de português, se constitui como uma minoria linguística. Uma das consequências dessa condição e de seu constante contato com a língua portuguesa é a incorporação de elementos do português pela libras.

Um dos mecanismos empregados pelos surdos sinalizantes, logo, usuários de uma língua de modalidade gestual-visual, para "emprestar" itens lexicais de línguas faladas, ou seja, de modalidade oro-auditiva, é o alfabeto manual. Esse sistema consiste em um conjunto de configurações de mão que representam cada uma das letras do alfabeto e, assim, se prestam a representar manualmente a forma escrita das palavras da língua oral.

O alfabeto manual empregado na libras é constituído de 27 sinais, a maioria estática (FIGURA 1). Apresentam movimento apenas as letras manuais H, J, K, X, Y e Z. Em geral, as formas das mãos são visualmente bem distintas entre si, havendo, no entanto, alguns casos em que as diferenças são mínimas, a saber, C vs O (ausência vs presença de contato entre os dedos), F vs T (posição do polegar), M vs N e V vs W (quantidade de dedos), U vs V (adução vs abdução dos dedos) e G vs Q (orientação da palma). Durante a soletração, normalmente, a mão fica parada, apresentando somente mudanças nas posições dos dedos. Em alguns casos, entretanto, a mão pode se mover para o lado direito no caso de surdos destros, ou esquerdo, no caso de surdos canhotos.

FIGURA 1 – ALFABETO MANUAL DA LIBRAS



FONTE: Xavier e Agrella (2015, p.146).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.88),

“a soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”.

As autoras dizem que esse recurso é normalmente empregado, por exemplo, quando se quer fazer referência a uma palavra técnica (FIGURA 2) para a qual não há um sinal.

FIGURA 2 – EXEMPLO DE SOLETRAÇÃO DE PALAVRA TÉCNICA

D-I-A-F-R-A-G-M-A



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Em outras palavras, tipicamente, o alfabeto manual é empregado quando não há no léxico da libras um sinal, ou seja, um item lexical convencionalizado para se referir a um determinado conceito para o qual já existe uma palavra em português. Isso frequentemente ocorre não apenas com termos técnicos, mas também com nome de pessoas e logradouros. Observa-se, no entanto, que o uso frequente dessas soletrações manuais, ou datilologias, pode levar a sua lexicalização. Através de processos de adaptação fonológica, essas soletrações acabam por sofrer diferentes processos

fonológicos, entre eles a supressão e a assimilação, para assim se conformarem aos padrões fonológicos da língua sinalizada (BATTISON, 1978).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

A presente dissertação tem como objetivo geral descrever e analisar processos fonológicos na soletração manual na libras com base em Silva e Xavier (2020, 2022).

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Verificar se os mesmos processos fonológicos identificados por Silva e Xavier (2020, 2022) na produção de sinais da libras também ocorrem na soletração manual nessa mesma língua;
- b) Verificar se há processos fonológicos específicos à soletração manual.
- c) Descrever e analisar tais processos fonológicos, considerando seus contextos de ocorrência, ou seja, se internos ou externos à palavra soletrada.
- d) Discutir o status da soletração manual na libras.

1.3 JUSTIFICATIVA

A soletração manual é, em geral, vista como algo secundário ou mesmo externo às línguas de sinais. Apesar disso há pesquisas que mostram que esse mecanismo é amplamente empregado em meio à sinalização para diferentes fins, entre eles, o empréstimo de palavras da língua oral majoritária (ADAMS, 2012). Este trabalho pretende ir além e demonstrar que muitos dos processos fonológicos observados na sinalização corrente são também observados na soletração manual. Sendo assim, com este trabalho, pretendo prover evidências de que a soletração manual integra as línguas de sinais e,

como parte delas, deve receber a mesma atenção que outros aspectos de sua estrutura linguística.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 2, apresento uma revisão de literatura sobre a soletração manual, considerando seus aspectos históricos, sociais e linguísticos. No capítulo 3, apresento uma síntese dos processos fonológicos da libras identificados, documentados e descritos por Silva e Xavier (2020, 2022). No capítulo 4, descrevo a metodologia empregada para a coleta, categorização e análise dos dados. No capítulo 5, apresento os resultados obtidos com base nos trabalhos de Silva e Xavier (2020, 2022). Por fim, no capítulo 6, faço uma comparação desses resultados com os obtidos por Silva e Xavier (2022) e, no capítulo 7, apresento minhas considerações finais.

2 A SOLETRAÇÃO MANUAL

2.1 DE ONDE VÊM OS ALFABETOS MANUAIS E COMO FORAM INCORPORADOS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS?

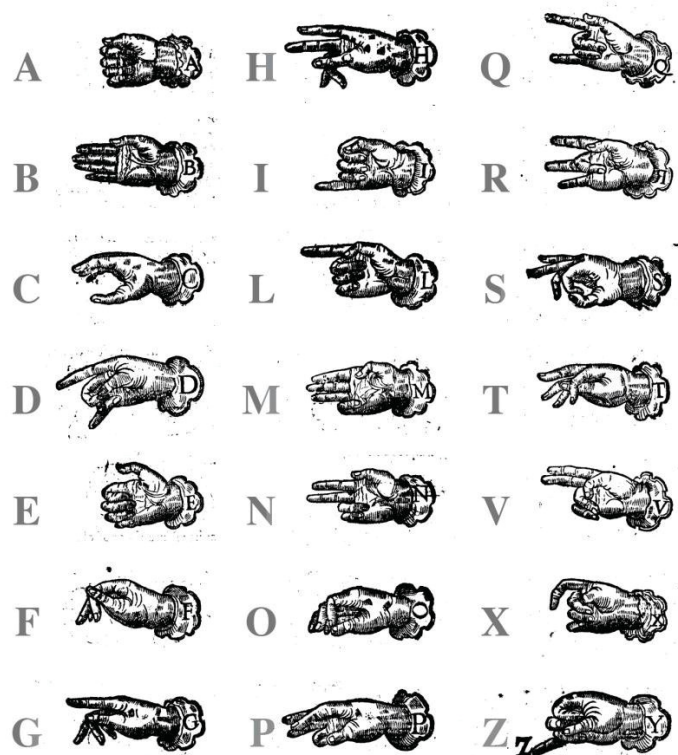
De acordo com Abernathy (1959), a soletração manual, ou datilologia, é de origem incerta, mas certamente anterior ao estabelecimento das línguas de sinais. Há evidências de que esses alfabetos eram comuns na Idade Média para o propósito de conversa silenciosa e secreta em ordens religiosas que adotavam o voto de silêncio.

Reily (2007) explica que o silêncio nos mosteiros reinava durante as atividades laborais cotidianas e daí surgiu uma comunicação através de sinais manuais. Esses sinais foram documentados em várias listagens com o objetivo de valorizar e divulgar a prática da comunicação silenciosa. A autora relata, no entanto, que nenhuma dessas listagens contém o alfabeto manual, o qual deve ter se desenvolvido independentemente.

Considerando o papel dos mosteiros da Idade Média como centros de cópias de livros clássicos e religiosos, alguns decorados de iluminuras, faz muito sentido que os monges que usavam sinais para se comunicarem silenciosamente no trabalho do campo também tivessem necessidade de criar sinais para as letras do alfabeto, a fim de que os escribas pudessem conferir suas cópias no contexto do scriptorium (REILY, 2007, p. 314).

A aprendizagem do alfabeto manual era valorizada entre os religiosos do sul da Europa para atender as necessidades de comunicação e confissão de pacientes enfermos e moribundos. Como ilustração disso, Reily (2007) cita a obra “Consolo para os enfermos” do Padre Frei Melchior de Yebra, publicada postumamente em 1593. Nela há ilustrações de configurações de mão representando as letras do alfabeto (FIGURA 3).

FIGURA 3 – ALFABETO MANUAL DA YEBRA (1593)



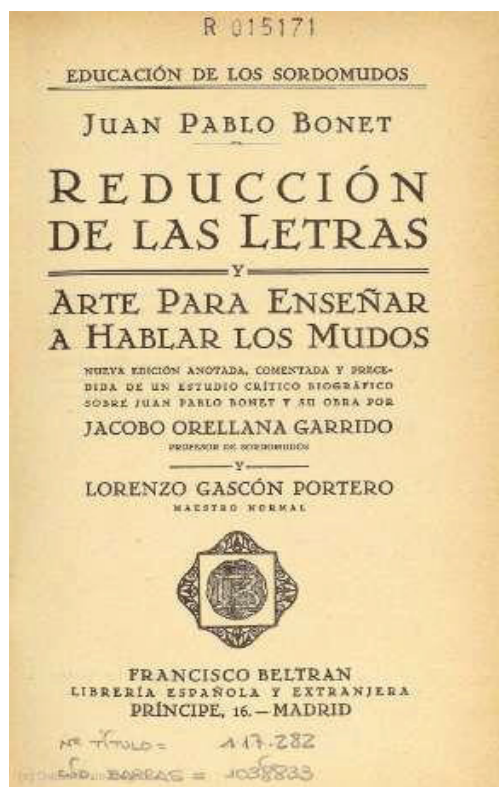
FONTE: <https://www.speakinglatino.com/spanish-sign-language/>

Pedro Ponce de León (1520?-1584), um monge espanhol, é considerado o primeiro educador de surdos. Seu trabalho como educador de surdos se iniciou quando este foi designado como tutor dos irmãos surdos Francisco e Pedro Fernández de Velasco y Tovar da nobreza espanhola. Há testemunhas oculares que mencionam o uso de um alfabeto manual como recurso pedagógico por de León e que se acredita que tenha sido o mesmo de Yebra, publicado em 1593.

Reily (2007) acrescenta que, embora o alfabeto manual tenha sido publicado após o falecimento de Ponce de León, é muito provável que os dois religiosos se conhecessem, já que ambos se relacionavam com a nobreza espanhola. Além disso, ela diz, “os alfabetos manuais certamente circulavam nos mosteiros da Espanha” (p. 321).

O mais antigo registro da recomendação de uso do alfabeto manual como recurso pedagógico na educação de surdos data de 1620 na obra “Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los Mudos” de Juan Pablo Bonet (1929-?) (FIGURA 4).

FIGURA 4 – CAPA DA OBRA DE JUAN PABLO BONET



FONTE: <https://bibliotecavirtual.aragon.es/es/consulta/registro.do?id=3690>

Segundo Abernathy (1959), o alfabeto manual apresentado nessa obra, com algumas modificações, é o mesmo usado ainda hoje nos Estados Unidos e na Europa. Reily (2007, p.316) acrescenta que o alfabeto manual publicado na obra de Bonet é o mesmo da obra de Yebra. Em razão de Bonet não citar sua fonte, Reily diz que entre vários autores há suspeitas de plágio.

Bonet foi secretário de Juan de Velasco, cujo pai era irmão de Francisco e Pedro de Velasco, educados por Ponce de León. Apesar do legado para a educação de surdos, não há evidências de que Bonet tenha sido educador de crianças surdas. Conforme explica Abernathy (1959), no prefácio de sua obra, Bonet justifica que a produziu movido pelo sentimento de gratidão à família do xerife de Castilha, que tinha um filho surdo, Luis de Velasco. Luis de Velasco foi educado por Manuel Ramirez de Carrion. Muito provavelmente, esse processo foi acompanhado por Bonet, que o documentou em sua obra. Bonet recomenda o alfabeto manual como recurso para o ensino da fala.

De acordo com Abernathy (1959), a educação de surdos era restrita a poucos, em geral, a filhos de nobres. Isso começou a mudar a partir da

fundação da primeira escola pública para surdos em Paris em 1760 pelo abade Charles-Michel de l'Épée. Reily (2007) explica que l'Épée tomou conhecimento da obra de Ponce de León e passou a empregar o alfabeto manual em sua instrução. Entretanto, o abade o fazia com um propósito diferente, pois “afirmava que a única maneira de chegar ao espírito dos surdos era pela via dos mesmos sinais pelos quais a natureza os inspira” (p. 323).

Sendo assim, diferentemente dos educadores que o precederam, l'Épée objetivou, através do alfabeto manual e de um sistema artificial de sinalização que criou para representar manualmente o francês, o ensino dos sinais metódicos, o ensino da leitura e da escrita e não da fala.

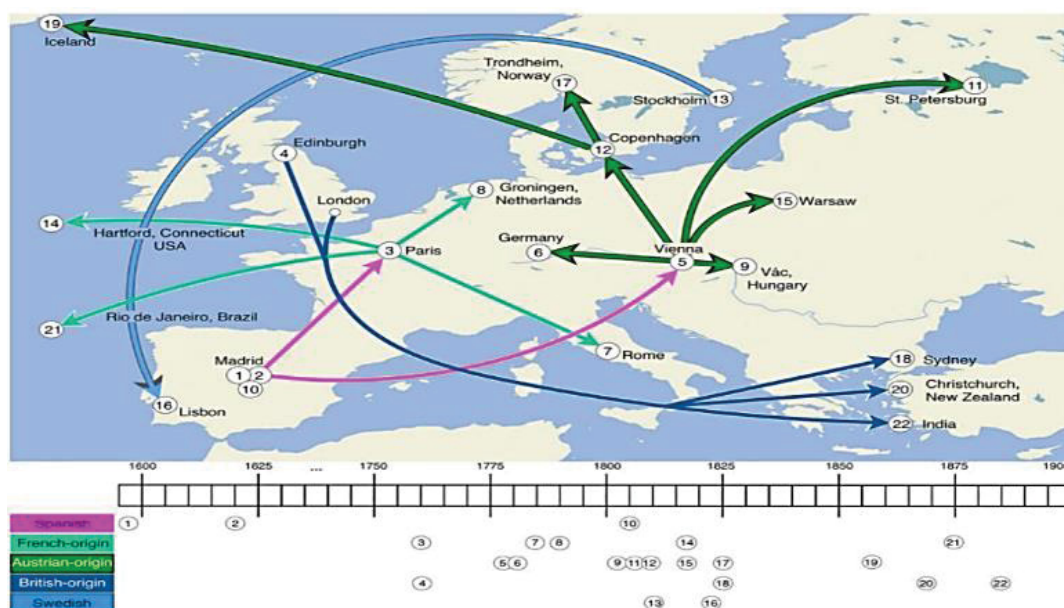
Abernathy (1959) relata que após a morte de l'Épée, o Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos de Paris passou a ser dirigido por Sicard. Foi nesse período que o Instituto recebeu a visita do norte-americano Thomas H. Gallaudet, que retornou aos Estados Unidos na companhia do professor surdo Laurent Clerc e com ele fundou a primeira escola de surdos daquele país, disseminando lá tanto os sinais metódicos franceses como o alfabeto manual espanhol.

2.2 COMO OS ALFABETOS MANUAIS SE ESPALHARAM PELO MUNDO?

Power, Grimm e List (2020) tentaram estabelecer relações genéticas entre línguas de sinais a partir de seus alfabetos manuais. Os autores compararam 40 alfabetos manuais contemporâneos e 36 antigos com base na forma das letras manuais, quando estas são semelhantes entre si, ou no som representado pela letra do alfabeto escrito, quando estes são diferentes entre si.

Com base nisso e em informações históricas relacionadas à fundação de escolas de surdos, migrações conhecidas de sinalizantes surdos e publicações de alfabetos manuais anteriores ao século XVIII, os autores conseguiram estabelecer oito (8) linhagens e hipotetizar sua dispersão (FIGURA 5).

FIGURA 5 – LINHAGENS DE PUBLICAÇÕES DE ALFABETOS MANUAIS



FONTE: Power, Grimm e List (2020, p.22).

A linhagem francesa se dispersou para pelo menos quatro diferentes partes do mundo: Roma; Groningen, nos Países Baixos; Hartford, nos Estados Unidos; e Rio de Janeiro, no Brasil.

2.3 CONTATO LINGUÍSTICO

Segundo Adam (2012), observa-se nas comunidades surdas do mundo contato tanto entre uma língua de sinais e uma língua oral, quanto entre duas línguas de sinais. A maioria dos estudos se concentra no primeiro tipo de contato, explorando a situação de bilinguismo bimodal experienciado pelas pessoas surdas e os efeitos que ele tem nas línguas sinalizadas. Entre os efeitos do contato com uma língua oral, o referido autor lista: o bilinguismo (uso da língua oral majoritária e da língua sinalizada), o uso de pidgins (forma rudimentar de comunicação entre surdos e ouvintes que não compartilham uma língua em comum), os códigos manuais (sistemas artificiais de sinalização que objetivam representar uma língua oral manualmente e que são normalmente empregados para fins educacionais), a língua de sinais de contato (forma simplificada de uma língua sinalizada empregada por surdos na comunicação com ouvintes com pouco conhecimento de uma língua sinalizada), os empréstimos linguísticos, a soletração manual, a oralização (articulação de

palavras da língua oral majoritária com ou sem vocalização) e a alternância (*code-switching*), a mistura (*code-mixing*) e a sobreposição (*code-blending*) de códigos. Esses três últimos processos ocorrem quando sinalizantes usam o vocabulário e/ou a gramática da língua oral durante a produção de enunciados em línguas de sinais (e vice-versa) de forma intersentencial, intrassentencial e simultânea, respectivamente.

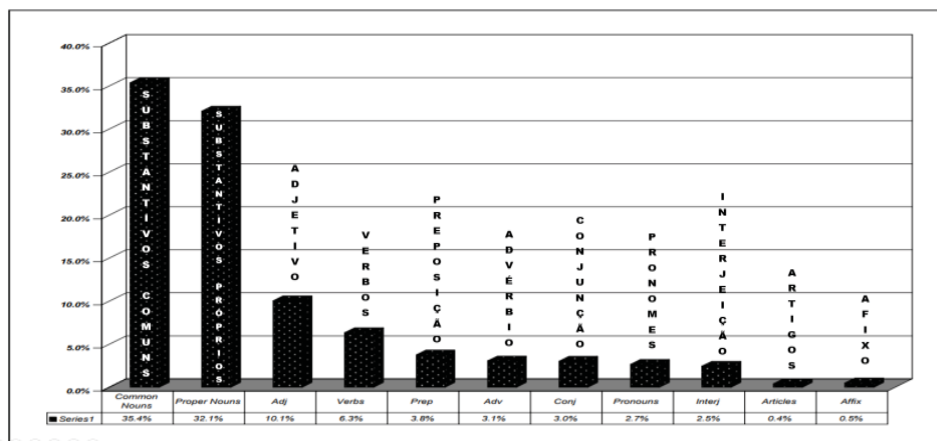
Quinto-Pozos (2007) considera a soletração manual como um dos recursos que permitem às línguas sinalizadas a mistura de códigos envolvendo línguas faladas, uma vez que, por meio do alfabeto manual, se pode representar a forma gráfica de palavras destas dentro de enunciados em línguas sinalizadas.

Padden e Gunsauls (2003) relatam que em 1878 um educador chamado Zenas Westervelt anunciou em uma conferência de educadores a criação de um novo método de ensino para surdos que consistia no uso exclusivo do alfabeto manual para a comunicação entre professores e alunos surdos e entre esses últimos. Esse método, que ficou conhecido como Método Rochester, ficou em voga por mais de 70 anos e deve ter desempenhado um importante papel no arraigamento do alfabeto manual na comunidade surda norte-americana.

De acordo com os referidos autores, a soletração manual é empregada na ASL não apenas como uma ferramenta para importar palavras do inglês, mas também para contrastar o vocabulário cotidiano e familiar com o estrangeiro e científico. Ainda segundo Padden e Gunsauls (2003), observa-se menos comumente na ASL a soletração de sintagmas e até mesmo sentenças. Esse tipo de soletração se dá para que se criem certos efeitos discursivos. Por exemplo, a citação de um versículo bíblico através da soletração de cada palavra pode passar aos interlocutores um sentido de fidedignidade da palavra sagrada do que a sua tradução para a ASL.

Em seu estudo, Padden e Gunsauls (2003) constataram que o inventário das palavras soletradas não é distribuído de forma equilibrada por categoria gramatical, já que quase 70% dos itens lexicais soletrados são nomes, equilibradamente divididos entre próprios e comuns. Adjetivos e verbos foram atestados, em menor proporção, enquanto outras categorias, como preposições, artigos, afixos, foram mais raras (FIGURA 6).

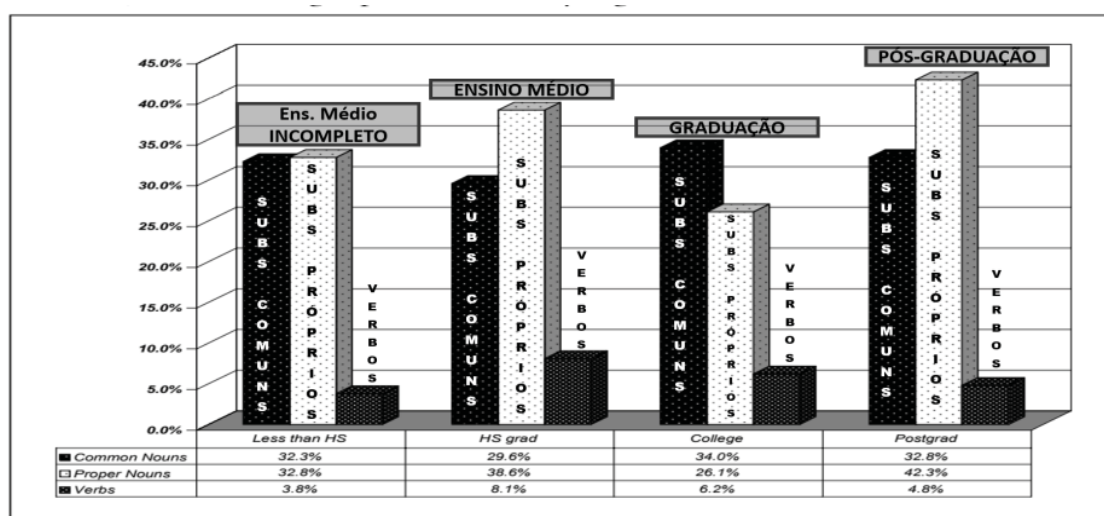
FIGURA 6 – CATEGORIAS GRAMATICAIS DAS PALAVRAS SOLETRADAS DA ASL



FONTE: Padden e Gunsauls, (2003, p. 22, tradução nossa).

Esses resultados não variaram em função do grau de escolaridade dos sinalizantes, com exceção de uma pequena diferença na frequência de nomes próprios e comuns. Sinalizantes mais jovens, com menos escolaridade e da classe operária apresentaram maior ocorrência de nomes próprios, porque devem empregar a soletração mais frequentemente para nomear pessoas e lugares. Diferentemente, sinalizantes com mais escolaridade utilizaram mais nomes comuns, porque devem ter maior necessidade de vocabulário técnico e especializado (FIGURA 7).

FIGURA 7 – FREQUÊNCIA DE PALAVRAS SOLETRADAS DE ACORDO COM A ESCOLARIDADE DOS SINALIZANTES DA ASL



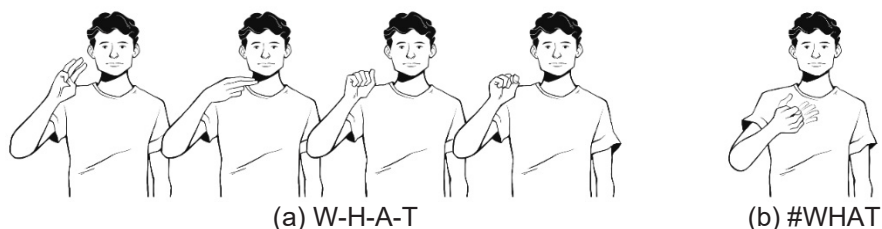
FONTE: Padden e Gunsauls, (2003, p. 22, tradução nossa).

Em média, a soletração ocorre entre 10 e 15% do tempo. Essa frequência, além de variar entre os sinalizantes, é afetada pelo tópico (maior quando relacionado a questões técnicas), pela idade de aquisição da ASL (nativos soletram um pouco mais do que não-nativos) e pela escolaridade (nativos com maior escolaridade soletram mais do que nativos com menor escolaridade).

2.4 EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO VIA ALFABETO MANUAL

Battison (1978) foi o primeiro pesquisador a investigar empréstimos linguísticos do inglês na ASL. Em sua obra publicada em 1978, o autor documentou que a ASL faz amplo uso do alfabeto manual, quer para soletração de palavras do inglês (FIGURA 8a), quer para a formação de outros itens lexicais, como é o caso do sinal soletrado #WHAT, cujas configurações de mão remetem à primeira e última letra da palavra correspondente em inglês (FIGURA 8b).

FIGURA 8 – (A) PALAVRA SOLETRADA E (B) SINAL SOLETRADO WHAT 'QUE'



FONTE: Elaborado pelo autor.

A partir da descrição de empréstimos do inglês na ASL via alfabeto manual, Battison (1978) identificou nove mudanças que a soletração manual pode sofrer na formação de sinais soletrados. São elas o *apagamento*; *alteração na locação*; *na configuração de mão*; *no movimento*; *na orientação*; *ocorrência de reduplicação*; *acréscimo da mão não-dominante*; *envolvimento morfológico e alteração semântica*; (BATTISON, 1978, p.78, tradução nossa).

O apagamento se refere à supressão de uma ou mais letras manuais em um sinal soletrado, como ocorre em #SURE¹ 'certeza'. Observa-se nesse caso o apagamento da letra U (FIGURA 9).

FIGURA 9 – SINAL SOLETRADO SURE 'CERTEZA' DA ASL



FONTE: Battison, (1978, p.103).

Para ilustrar a alteração na configuração de mão, Battison (1978) cita o sinal soletrado #EARLY, no qual, além do apagamento da letra manual A, observa-se também a articulação das letras R+L tal como L+Y (FIGURA 10).

FIGURA 10 – SOLETRAÇÃO DE PALAVRA EARLY 'CEDO'



FONTE: Battison, (1978, p.113).

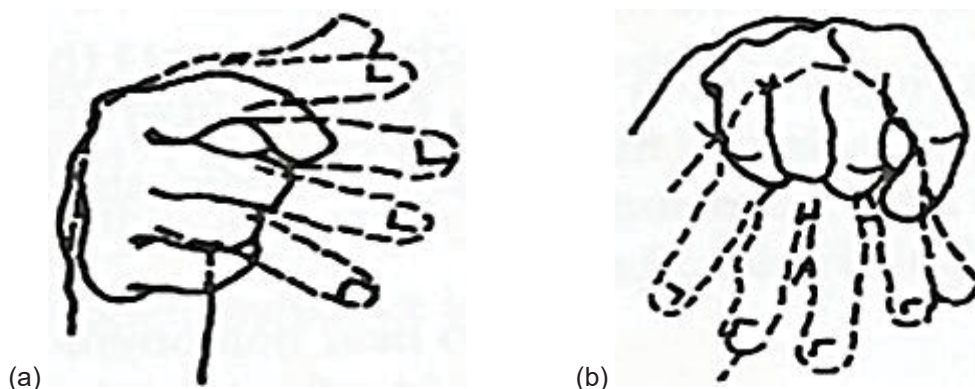
No sinal #EARLY pode-se ver ainda a adição de movimento. Nas soletrações manuais, em geral, a mão não se move no espaço ou se move

¹ O sustenido (#) é empregado por Battison (1978) para indicar que o sinal resulta da lexicalização da soletração manual de uma palavra do inglês.

para o lado retilinearmente. No caso em questão, observa-se a adição de um movimento circular.

Battison (1978) ilustra alterações na orientação da palma, citando os sinais #WHAT 'o que' (FIGURA 11a) e #BUT 'mas' (FIGURA 11b). No primeiro se vê que orientação é para o lado e no segundo, para baixo, o que difere da soletração manual típica, em que a palma aparece normalmente orientada para frente.

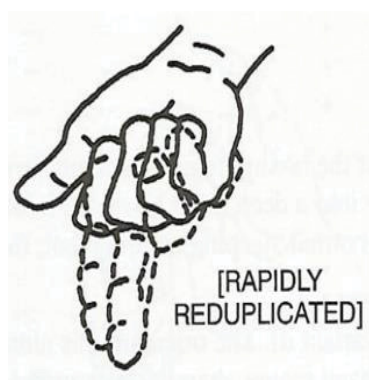
FIGURA 11 – SINAL SOLETRADO (A) WHAT 'O-QUE' E (B) BUT 'MAS' DA ASL



FONTE: Battison, (1978, p.109).

A reduplicação é observada no sinal soletrado #HA 'riso', no qual o movimento, produzido pela flexão dos dedos indicador e médio, é repetido (FIGURA 12).

FIGURA 12 – SINAL SOLETRADO HA 'RISO'



FONTE: Battison, (1978, p.79).

O acréscimo da mão não-dominante e a consequente soletração com duas mãos, segundo Battison (1978), é observada no sinal #OFF (FIGURA 13).

FIGURA 13 – SOLETRAÇÃO COM DUAS MÃOS DA PALAVRA OFF ‘DESLIGADO’



FONTE: Battison, (1978, 94).

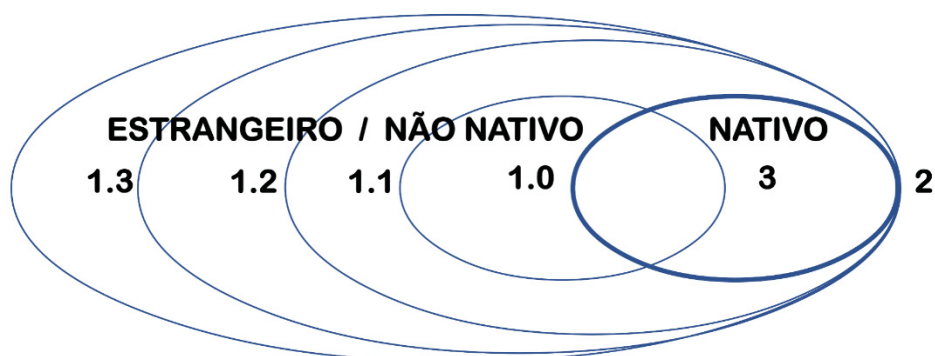
Nesse mesmo sinal é ainda possível observar o que Battison (1978) denomina envolvimento morfológico e alteração semântica (S). O autor diz que na ASL #OFF pode ser usado como um verbo, havendo, portanto, uma mudança na classe gramatical, e no seu significado, que pode, por exemplo, expressar a idéia de ‘parar’ em enunciados como ‘parei de fumar’.

Com base na existência de vocabulário nativo e oriundo de empréstimo na ASL, Brentari e Padden (2001) propõem uma estrutura para o léxico dessa língua, levando em conta não apenas isso, mas também o fato de que os empréstimos linguísticos podem apresentar diferentes graus de lexicalização. Conforme se pode ver na FIGURA 14, de acordo com a proposta das autoras, o léxico da ASL é formado por um componente nativo (3) e um componente não-nativo formado por quatro níveis.

O primeiro nível (1.0) inclui formas inicializadas, ou seja, sinais como [FAMILY](#) ‘família’ em que a configuração de mão original foi substituída por uma letra do alfabeto manual para fazer referência à inicial da palavra correspondente em inglês. O segundo nível (1.1) abrange soletrações de abreviaturas, isto é, sinais como [VICE-PRESIDENT](#) ‘vice-presidente’, constituído da soletração de apenas duas letras. O terceiro, por sua vez, (1.2) se refere a sinais pessoais que, segundo Brentari e Padden (2001), se constituem de um conjunto muito limitado de configurações de mão do alfabeto

manual, de localizações e de movimentos. Elas citam como exemplo o sinal da segunda autora de seu trabalho, Carol Padden, que é formado pela letra manual C combinada com um movimento de vai-e-vem lateral no espaço neutro. Por último, no nível 1.3, as autoras incluem sinais que, diferentemente dos citados anteriormente, são diretamente derivados de soletrações manuais de palavras do inglês, como, por exemplo, como #JOB 'serviço'.

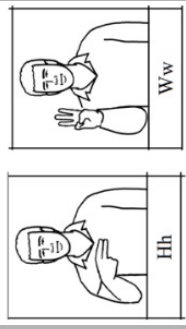
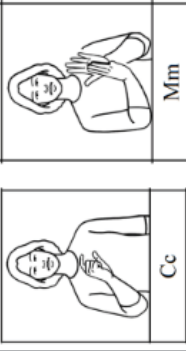



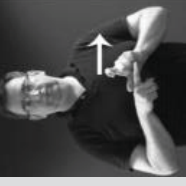


FIGURA 14 – ESTRUTURA DO LÉXICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS









FONTE: Tradução de Brentari e Padden (2001, p. 89).

Seguindo essa mesma linha, Cormier, Schembri e Tyrone (2008) comparam os diferentes graus de nativização de sinais formados a partir de letras manuais na ASL e na língua de sinais britânica, BSL (do inglês *British Sign Language*). Isso é ilustrado no QUADRO 1 a seguir.

QUADRO 1 – EXEMPLIFICAÇÃO DOS DIFERENTES GRAUS DE NATIVIZAÇÃO

PRINCIPAIS PROCESSOS DE NATIVIZAÇÃO		Exemplificação	
Processo/grau	Em que consiste	ASL	BSL
NÃO NATIVIZADO			
Alfabeto manual	Uma letra representa manualmente a inicial da palavra.	 <p>“H” – “W” Ww Cc</p>	 <p>“C” – “M” Cc Mm</p>
Duas letras manuais não nativizadas	Duas letras representam a palavra.	 <p>THURSDAY1 ‘quinta-feira’</p>	 <p>GLASGOW1 ‘nome do lugar’</p>
Palavra soletrada não nativizada	Soleturação de palavra completa.	 <p>WATER ‘água’</p>	 <p>COURSE ‘curso’</p>
PARCIALMENTE			
Uma letra manual nativizada parcialmente	Composição por inicialização.	 <p>PROJECT ‘projeto’</p>	 <p>GLASGOW2</p>
Duas letras manuais nativizadas parcialmente	Semelhante ao caso de letra manual única letra, mas envolvendo a formação por composição. Algumas mudanças na forma de mão.		

Palavra inteira	<p>Empréstimos linguísticos parciais: Apresenta pouca mudança, com apagamento de alguma(s) letra(s) manual(is).</p>	 <p>#SURE 'certo'</p>	 <p>#CLUB 'clube'</p>
	<p>Empréstimos linguísticos em palavra soletrada: Palavra comum</p>	 <p>F-R-E-E 'livre'²</p>	 <p>S-O-N 'filho'³</p>
	<p>Composição de sinais em palavra soletrada: Composto formado por soletração e sinal</p>	 <p>S-T-O-C-K MARKET⁴ 'mercado de ações'</p>	 <p>S-T-E-P SISTER 'meia irmã'⁵</p>

² Soletração de palavra em ASL: "F-R-E-E" - <https://www.signingsavvy.com/sign/FREE/156/3>

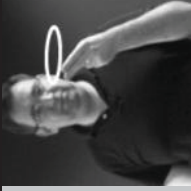
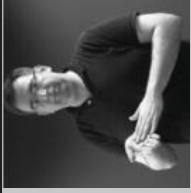


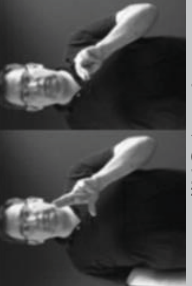

³ Soletração de palavra em BSL: "S-O-N" - <https://www.signbsl.com/sign/son>

⁴ Soletração de palavra em ASL: "S-T-O-C-K MARKET" - <https://www.signingsavvy.com/sign/STOCK+MARKET>

⁵ Soletração de palavra em BSL "S-T-E-P SISTER" – como segundo os autores Cormier, Schembri e Tyrone (2008) comentam a palavra soletrada, portanto



não há encontrada, apesar encontrada a nesta a fonte <https://www.signbsl.com/sign/half-sister> ocorre a variante a letra S+sinal.

NATIVIZADO		Transformação por um grupo de segmentos das formas da mão	
Uma letra nativizada	manual	ASL	BSL
	Alteração a forma de mão na orientação em processo de transformação para configuração de mão ou inserção o movimento	 <p>THURSDAY 'quinta-feira'</p>	 <p>MOTHER2 'mãe'</p>
Duas letras nativizadas	Formas de redução de palavras ou inicialização que se muda a forma de mão.	 <p>THURSDAY 'quinta-feira'</p>	 <p>ROMAN-CATHOLIC 'Católico Romano'</p>
Sinal empréstimos nativizados	A palavra soletrada sofre redução a sequência de letras que leva a inserção de segmento da forma de mão.	 <p>#NO 'não'</p>	 <p>#ABOUT 'sobre'</p>

FONTE: Reproduzido, adaptado e traduzido de Cormier, Schembri e Tyrone (2008, p.22).

2.4.1 Empréstimo na libras

Nascimento (2010) realizou o primeiro estudo acerca de empréstimos na libras advindos do português. A autora coletou 1720 sinais da versão de 2005 do dicionário *Acessibilidade Brasil* (FELIPE; LIRA, 2005). Esses dados foram classificados em cinco tipos. O primeiro e mais frequente se refere a casos em que a configuração visual dos lábios, ou seja, a oralização de uma palavra do português é co-produzida com um sinal manual⁶. O segundo tipo, denominados por Nascimento (2010) como empréstimos transliterados, corresponde a soletrações de nomes próprios ou de conceitos para os quais ainda não há um sinal convencionalizado. Essa categoria também inclui soletrações nativizadas, ou seja, que já passaram por processos de adaptação fonológica e/ou semântica⁷. Os três últimos tipos dizem respeito, respectivamente, a sinais que representam formas gráficas e geométricas (estereotipados)⁸, sinais que representam palavras com grafias idênticas ou parecidas (cruzados)⁹ e (de)calques¹⁰.

Em seu estudo sobre empréstimos do português na libras, Fernandes (2019) focou exclusivamente em sinais soletrados. Em toda a obra, o autor identificou no dicionário de libras de Capovilla, Raphael e Maurício (2013) 123 sinais desse tipo, sendo destes 109 nomes comuns e apenas 14 nomes próprios.

Pinheiro e Xavier (2019) coletaram dados da versão de 2005 do dicionário *Acessibilidade Brasil*. Diferentemente de Nascimento (2010) e de Cordeiro (2019), consideraram todos os sinais formados por pelo menos uma letra manual. Pinheiro e Xavier levantaram 114 dados nas seções referentes às letras de A a E do referido dicionário. Conforme mostra a FIGURA 15, esses dados foram categorizados como inicializados, ou seja, como sinais cuja configuração original foi substituída por uma

⁶ Nascimento (2010) cita como exemplo de empréstimo desse tipo os sinais ASSAD@ e BEBIDA. Segundo a autora, no primeiro caso observa-se junto com a produção do sinal manual a articulação das duas primeiras sílabas da palavra correspondente em português. No segundo caso, a articulação da palavra do português é total.

⁷ Nascimento (2010) exemplifica essa categoria por meio de sinais como BILHÃO, que consiste na soletração das duas primeiras letras da palavra correspondente em português, e ZOOLÓGICO, das três primeiras letras.

⁸ Como exemplos de empréstimos esterotipados, Nascimento (2010) cita os sinais ÁREA, QUARTO, PISCINA e LAGOA.

⁹ Como exemplos de empréstimos cruzados, Nascimento (2010) cita os sinais CARNÊ e CARNE, CAMELÔ e CAMELO, e PARÁ (estado) e PARA (preposição).

¹⁰ Nascimento (2010) exemplifica essa categoria por meio de sinais como o composto CAFÊ^MANHÃ, tradução literal de 'café da manhã'.

letra do alfabeto manual, soletrados, isto é, como sinais resultantes da soletração manual de uma palavra do português, e como híbridos¹¹, ou seja, como sinais formados por uma letra manual e outros elementos morfofonológicos, em geral expressos por localizações ou movimentos da libras. Trata-se de formações em que, diferentemente dos inicializados, não há uma base.

FIGURA 15 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIA DE ANÁLISE PROPOSTAS POR PINHEIRO E XAVIER (2019)



FONTE: Pinheiro e Xavier (2019, p. 49).

Pinheiro e Xavier (2019) propuseram ainda subcategorias para os sinais inicializados e soletrados. Entre os primeiros, os autores diferenciaram as *derivações*¹², ou seja, casos em que o sinal inicializado derivou de uma base com significado relacionado, mas diferente dele, de *variações*¹³, isto é, casos em que a forma inicializada e a forma não inicializada são sinônimas¹⁴. Já para os sinais soletrados, como se pode ver na FIGURA 15, estes foram subcategorizados

¹¹Autores como Adam (2012) tratam esses casos como sinais formados por letra(s). Um exemplo de sinal híbrido, segundo Pinheiro e Xavier (2019) é o sinal BRASIL, formado pela letra manual B e por um movimento e localização.

¹² Pinheiro e Xavier (2019) citam como exemplo desse tipo o sinal CINZA, provavelmente derivado de PRET@.

¹³ Pinheiro e Xavier (2019) citam como exemplo desse tipo o sinal DIA, que pode ser realizado com a mão ativa configurada em B ou em D, nesse segundo caso, em referência à primeira letra da palavra correspondente em português.

¹⁴ Pinheiro e Xavier (2019) relatam que há casos em que não é possível se a forma inicializada derivou de um sinal nativo ou se ela, pela ocorrência de processos fonológicos, passou a apresentar uma configuração que já não remete mais a uma letra do alfabeto manual.

levando-se em conta, primeiramente, se a soletração é *parcial*¹⁵ ou *total* e, neste último caso, se se trata da soletração completa de uma *palavra*¹⁶ ou de um *acrônimo* ou *sigla* do português. Em relação aos acrônimos/siglas, Pinheiro e Xavier ainda separaram aqueles que representam as mesmas letras que os originais em português e, por isso, chamados por eles de *convencionalizados*¹⁷ (em português), daqueles que parecem ser inovações/criações da comunidade surda, por isso *não convencionalizados*¹⁸(no português). Casos que não puderam ser classificados em nenhuma dessas categorias e subcategorias foram agrupados na categoria 'outros'.

¹⁵ Pinheiro e Xavier (2019) citam como exemplo de sinal desse tipo CUNHADO, em cuja soletração se omite a letra manual H.

¹⁶ Pinheiro e Xavier (2019) citam como exemplo desse tipo o sinal BAÚ, cuja realização consiste na soletração completa da palavra correspondente em português.

¹⁷ Como exemplo dessa categoria, Pinheiro e Xavier (2019) citam o sinal DVD.

¹⁸ Como exemplo dessa categoria, Pinheiro e Xavier (2019) citam o sinal ADVENTISTA-DO-SÉTIMO-DIA, produzido por meio da sequência A e SETE, sigla não empregada em português para o mesmo conceito.

3 PROCESSOS FONÓLOGICOS

3.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS EM PORTUGUÊS

De acordo com Silva (2011), os processos nas línguas orais podem ser de quatro principais tipos: *apagamento*, *adição*, *transposição* e *substituição*. Com base em dados do português, o autor explica que o apagamento consiste na supressão de um segmento (consoante, vogal ou semivogal) ou de uma sílaba inteira. Ele ainda diz que existem quatro subtipos de apagamento: *aférese*, *síncope*, *apócope* e *crase*. Esses processos são conceituados e ilustrados no QUADRO 2 a seguir.

QUADRO 2 – TIPOS DE APAGAMENTO

Tipo de apagamento	Definição	Exemplo
Aférese	Apagamento de segmento inicial.	Está > tá José > Zé
Síncope	Apagamento de segmento medial.	Manteiga > mantega Chácara > chacra
Apócope	Apagamento de segmento final.	Olhar > olhá
Crase	Fusão de duas vogais.	Cooperativa > coperativa

FONTE: Baseado em Silva (2011).

Os processos de adição, por sua vez, consistem no acréscimo de consoante, vogal ou semivogal (SILVA, 2011). Assim como no caso do apagamento, Silva (2011) explica que a adição pode ser de diferentes tipos, a saber, *prótese*, *epêntese* e *paragoge*, conceituados e exemplificados no QUADRO 3.

QUADRO 3 – TIPOS DE ADIÇÃO

Tipo de adição	Definição	Exemplo
Prótese	Adição de segmento inicial.	Lembrar > alembrar
Epêntese	Adição de segmento medial.	Três > três
Paragoge	Adição de segmento final.	Mais > maisi

FONTE: Baseado em Silva (2011).

Já os processos de transposição, conforme explica Silva (2011), diz respeito à troca de posição de um dado segmento no interior de uma palavra. Esse processo é comumente designado como *metátese* e pode envolver consoantes, vogais e acento tônico. Exemplos de transposição são apresentados no QUADRO 4.

QUADRO 4 – TIPOS DE TRANSPOSIÇÃO

Tipo de adição	Forma canônica	Forma com transposição
Consoante	Lagarto	Largato
Vogal	Pacaembu	Paecambu
Acento tônico	xerox	xérox

FONTE: Baseado em Silva (2011).

Por fim, Silva (2011) define os processos de substituição com sendo aqueles em que um dado segmento sofre algum tipo de alteração. Dois dos tipos mais comuns, segundo o autor, são a *assimilação* e a *dissimilação*, conceituados e ilustrados no QUADRO 5.

QUADRO 5 – TIPOS DE TRANSPOSIÇÃO

Tipo de substituição	Definição	Exemplo
Assimilação	Aquisição de uma propriedade por um segmento de outro segmento próximo.	Queijo: o [k] (velar) diante de [e, i] torna-se palatal
Dissimilação	Um segmento se diferencia de um outro segmento próximo dele.	Urubu > arubu

FONTE: Baseado em Silva (2011)

3.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS NA LIBRAS

Segundo Silva e Xavier (2020, 2022), os processos fonológicos da libras podem ser de quatro principais tipos, a saber, geral, mão não-dominante, localização e movimento. Como se pode ver no QUADRO 6, assim como nas línguas orais, tais processos apresentam subtipos a serem conceituados e ilustrados nas subseções seguintes.

QUADRO 6 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE PROPOSTAS POR SILVA E XAVIER (2021)

GERAL		MÃO NÃO DOMINANTE (MND)	LOCALIZAÇÃO	MOVIMENTO
Assimilação	Configuração de mão*	Antecipação	Ipsilaterização	Inserção de transição
	Orientação	Perseveração	Contralaterização	Apagamento: Suspensão entre movimentos Rotação Oscilação Repetição (sequência única)
	Localização	Congelamento	Neutralização	
	Acréscimo da MND	Abaixamento	Alçamento	
Metátese	Configuração de mão	Apagamento	Não realização do contato	
	Localização			Proximalização
	Movimento (da MD para a MND)**			

Fonte: criado pelos autores
 (*) Foram também encontrados casos de assimilação simultânea.
 (**) Foram encontrados apenas casos de metátese simultânea.

FONTE: Silva e Xavier (2021, p.71).

3.1 GERAL

Silva e Xavier (2020) propõem duas subcategorias para a categoria geral: assimilação e metátese. A seguir, esses processos são definidos e ilustrados.

3.1.1 Assimilação

Como dito anteriormente, a assimilação se refere à cópia de característica de uma dada unidade fonológica por outra. No caso das línguas de sinais, a característica assimilada pode ser a configuração de mão, a orientação da palma, a localização ou mesmo o número de mãos.

3.1.1.1 Configuração de mão

Na FIGURA 16, pode-se ver o sinalizante produzir o sinal de EU, tipicamente produzido com apenas uma mão e com a configuração de mão em 1, ou seja,

indicador estendido e demais fechados, com duas mãos e com a mesma configuração do sinal seguinte SABER-NÃO.

FIGURA 16 – ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO E DO NÚMERO DE MÃOS NO SINAL EU E SABER-NÃO

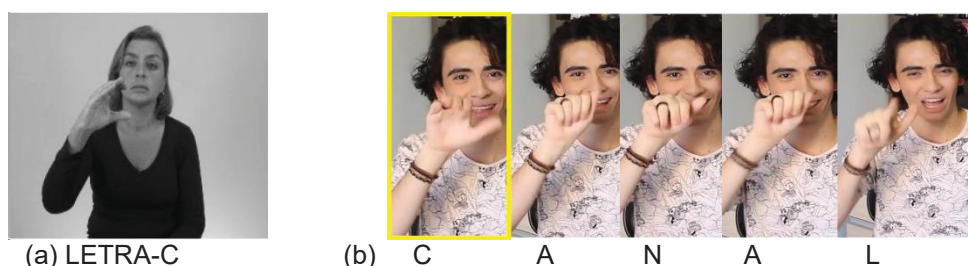


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 6).
<https://youtu.be/uvhyjnR2blw>

3.1.1.2 Orientação

Na FIGURA 17, é apresentado um exemplo de assimilação da orientação da palma durante a soletração da palavra ‘canal’. Em geral, a letra manual C (FIGURA 17a) é produzida com a palma voltada para o lado. No caso retratado na FIGURA 17b, a letra manual C aparece orientada para a frente por assimilar a orientação da palma da letra manual A seguinte.

FIGURA 17 – ASSIMILAÇÃO DA ORIENTAÇÃO DA PALMA DA LETRA MANUAL A PELA LETRA MANUAL C



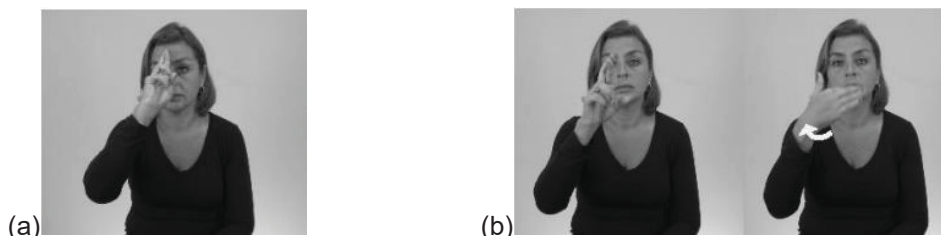
FONTE: (a) Reproduzido de Xavier (2014, p. 26)
 (b) Produzido a partir de dado do corpúsculo de Silva e Xavier (2022).
<https://youtu.be/9LrnqXYgE3Y>

3.1.1.3 Localização

Na FIGURA 18, apresento um exemplo de sinal que pode sofrer assimilação de localização. Trata-se do sinal MEIO-DIA, canonicamente produzido em contato com a região central da testa (FIGURA 18a). Quando esse sinal integra a expressão

MEIO-DIA MEI@, ele pode, como mostra a FIGURA 18b, assimilar a localização do sinal seguinte e, assim, ser produzido em frente do peito, no espaço neutro.

FIGURA 18 – (A) FORMA CANÔNICA DO SINAL MEI@-DIA E
(B) FORMA COM ASSIMILAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO SINAL MEI@



FONTE: Xavier (2014, p. 25-6).

3.1.1.4 Acréscimo da mão não dominante

No exemplo retratado na FIGURA 19, vê-se o sinal EU, tipicamente articulado com apenas uma mão, sendo produzido com duas mãos por assimilar o número de mãos do sinal seguinte, TAMBÉM.

FIGURA 19 – ASSIMILAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS NO SINAL EU



FONTE: Reproduzido de Silva (s/d).

<https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-processos-fonologicos>

3.1.2 Metátese

A metátese, por sua vez, consiste na troca de posição de unidades fonológicas na cadeia falada ou sinalizada. Em outras palavras, a ocorrência desse processo resulta na mudança na ordem de duas configurações ou localizações ou, no caso de sinais articulados com duas mãos, na troca de mão das configurações ou movimentos.

3.1.2.1 Configuração de mão





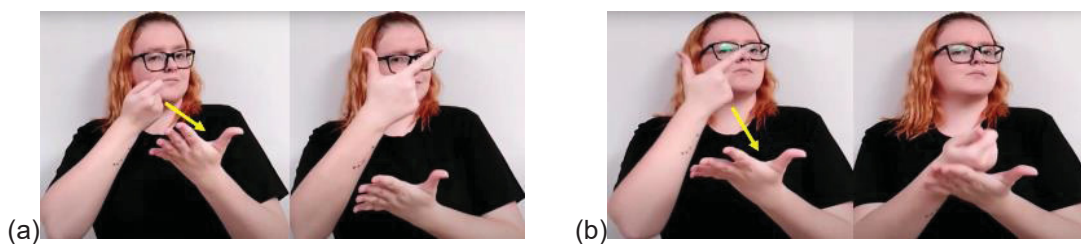
A metátese envolvendo a configuração de mão é observada no sinal COMPRAR, uma vez que a sequência de configurações de que se constitui pode ser realizada como  >  (FIGURA 20a) ou como  >  (FIGURA 20b).

FIGURA 20 – METÁTESE DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO NO SINAL COMPRAR



FONTE: Reproduzido de Silva (2021, 13min48s a 13min50s).
<https://www.youtube.com/watch?v=lwl-bzeNugM>

3.1.2.2 Localização

Já a metátese na localização pode ser ilustrada com o sinal ESPECIAL. Esse sinal pode ser iniciado em uma posição mais alta em frente ao corpo e, por meio de um movimento reto para baixo, ser finalizado em uma localização mais baixa (FIGURA 21a) ou pode ser realizado de forma inversa (FIGURA 21b).

FIGURA 21 – METÁTESE DA LOCAÇÃO NO SINAL ESPECIAL

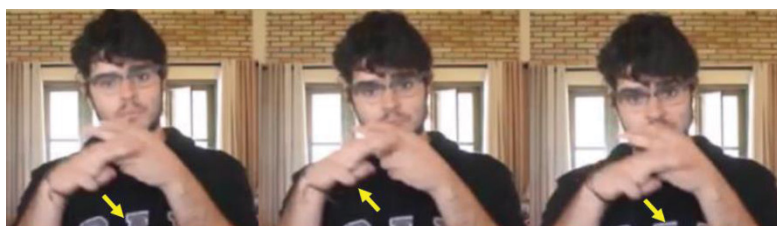


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 6-7).
<https://www.youtube.com/watch?v=LLwVIHkfUDM>

3.1.2.3 Movimento

Canonicamente, o sinal FACA é produzido com um movimento de vai-e-vem reto produzido pela mão dominante sobre a mão não-dominante. Na FIGURA 22, vê-se que o movimento sofreu metátese, ou seja, “foi trocado” de mão, uma vez que ele foi produzido pela mão não-dominante.

FIGURA 22 – METÁTESE DO MOVIMENTO DA MÃO DOMINANTE PARA A MÃO NÃO-DOMINANTE NO SINAL FACA



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 7).
<https://www.youtube.com/watch?v=vMy5Rxyr6Wo>

3.2 MÃO NÃO-DOMINANTE

De acordo com Silva e Xavier (2020), os processos que envolvem a mão não-dominante são: *antecipação*, *perseveração*, *congelamento*, *apagamento* e *abaixamento*. A seguir, esses processos são definidos e ilustrados.

3.2.1 Antecipação

A antecipação ocorre quando a mão não-dominante requerida para a articulação de um sinal bimanual é colocada a postos durante a articulação de um ou mais de um sinal monomanual que o antecede(m). Esse processo pode ser exemplificado pela produção retratada na FIGURA 23, na qual se pode ver a mão não-dominante requerida para articular o sinal MISTURAR sendo antecipada durante a produção do sinal SI 'se'.

FIGURA 23 – ANTECIPAÇÃO DO SINAL MISTURAR



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p.74).

3.2.2 Perseveração

A perseveração é o processo inverso da antecipação, ou seja, a mão não-dominante requerida para a realização de um sinal bimanual é mantida no espaço de sinalização enquanto outros sinais são articulados com a mão dominante. Ilustro esse processo por meio da produção retratada na FIGURA 24. Nela, vê-se primeiramente o sinal LETRAS-LIBRAS sendo produzido. Na sequência, vê-se a continuidade no espaço de sinalização da mão não-dominante com a mesma configuração desse sinal, enquanto a mão dominante articula simultaneamente VESTIBULAR.

FIGURA 24 – PERSEVERAÇÃO DA MÃO NÃO DOMINANTE DO SINAL LETRAS-LIBRAS



LETRAS-LIBRASVESTIBULAR

FONTE: Reproduzido de Silva (s/d).

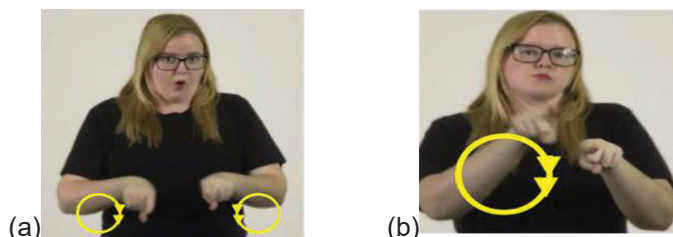
<https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-processos-fonologicos-7>

3.2.3 Congelamento

O congelamento consiste na não realização do movimento que a mão não-dominante realiza na forma canônica de sinais bimanuais com ambas as mãos ativas. Um exemplo da ocorrência desse processo pode ser observado na FIGURA 25. Nela se vê na FIGURA 25a a realização típica do sinal MESMA-COISA com

movimento circular simultâneo repetido e sua variante com o congelamento da mão não-dominante na FIGURA 25b, em que a mão não-dominante não se movimenta e apenas a mão dominante faz o movimento circular.

FIGURA 25 – CONGELAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE DO SINAL MESMA-COISA



FONTE: Reproduzido de Silva (s/d).

<https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-processos-fonologicos-5>

3.2.4 Apagamento

O apagamento diz respeito ao não uso da mão não-dominante requerida para a realização de um sinal canonicamente bimanual. Esse processo pode ocorrer com o sinal EXPLICAR, tipicamente produzido com as duas mãos (FIGURA 26a). Em algumas situações, por exemplo, quando a mão não-dominante está ocupada articulando outro sinal, EXPLICAR pode ser produzido com apenas uma mão (FIGURA 26b).

FIGURA 26 – SINAL EXPLICAR EM SUA FORMA (A) BIMANUAL E (B) COM APAGAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE



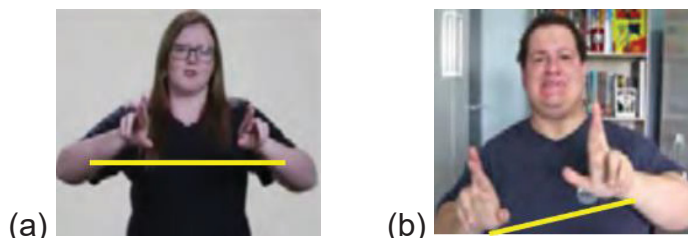
FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 76).

3.2.5 Abaixamento

O abaixamento consiste na locação mais baixa da mão não-dominante em relação à mão dominante em sinais bimanuais nos quais as duas mãos são ativas. Esse processo pode ser observado, por exemplo, no sinal DIFERENTE que,

canonicamente, é realizado como na FIGURA 27a, ou seja, com ambas as mãos exibindo posições espelhadas, mas que ao sofrer o processo em questão é produzido com a mão não-dominante em posição mais baixa em comparação à posição da mão dominante (FIGURA 27b).

FIGURA 27 – SINAL DIFERENTE (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) COM ABAIXAMENTO DA MÃO NÃO-DOMINANTE



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p.75).

3.3 LOCALIZAÇÃO

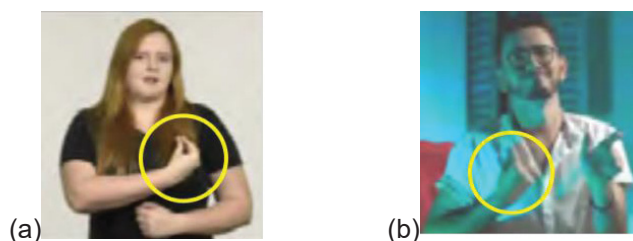
Os processos fonológicos relacionados à localização são, segundo Silva e Xavier (2020), *ipsilateralização*, *contralateralização*, *neutralização*, *alçamento* e *não-realização do contato*. A seguir, esses processos são definidos e ilustrados.

3.3.1 Ipsilateralização

Como exemplo de sinal que pode sofrer esse processo, cito o sinal VIDA. Na FIGURA 28a, tal sinal aparece na sua forma canônica, ou seja, realizado em contato com o peito contralateral. Ao sofrer ipsilateralização, o sinal é articulado como na FIGURA 28b, isto é, do mesmo lado que a mão dominante da sinalizante. Segundo Silva e Xavier (2020), a ipsilateralização deve ser motivada pela facilidade de articulação,

“uma vez que, com [sua ocorrência], a mão dominante executa uma trajetória menor ao não se deslocar até localizações no lado oposto do corpo” (SILVA; XAVIER, 2020, p. 77).

FIGURA 28 – SINAL VIDA (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) IPSILATERALIZADO

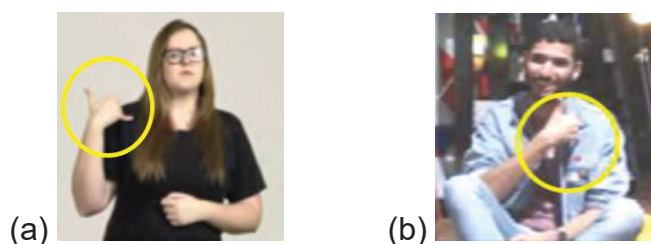


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p.76).

3.3.2 Contralateralização

A contralateralização é o processo inverso à ipsilateralização. Com sua ocorrência, sinais como IDADE (FIGURA 29a), canonicamente realizados em contato com o mesmo lado do corpo da mão dominante, passam a ser feitos com contato com alguma região contralateral (FIGURA 29b).

FIGURA 29 – SINAL IDADE (A) NA SUA FORMA CANÔNICA E (B) CONTRALATERALIZADO



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p.77).

3.3.3 Neutralização

A neutralização diz respeito à realização de um determinado sinal em regiões mais centrais do espaço de sinalização ou mais próximas dele. Como ilustração do processo de neutralização, pode-se citar a realização do sinal PESSOA retratada na FIGURA 30. Nela vê-se que o sinal em questão não foi articulado em sua forma típica, em contato com a testa, mas em uma posição mais baixa e sem contato com a face.

FIGURA 30 – SINAL PESSOA NEUTRALIZADO

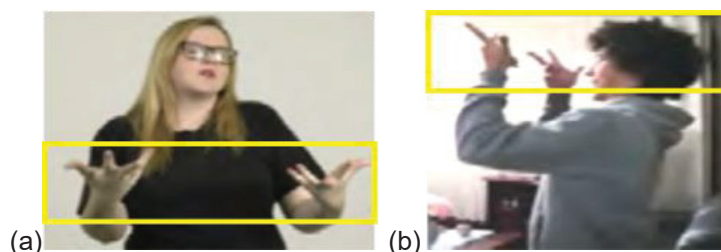


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 9).
<https://youtu.be/aYWZap-FpJs>

3.3.4 Alçamento

O alçamento ocorre de forma contrária à neutralização, uma vez que seu resultado é a articulação de sinais em regiões mais altas do que as canônicas. Isso pode ser ilustrado com o sinal MARAVILHOS@ que, tipicamente, é produzido com as mãos na altura do peito (FIGURA 31a), mas que eventualmente pode ser realizado em posição mais alta (FIGURA 31b).

FIGURA 31 – SINAL MARAVILHOS@ (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) ALÇADO

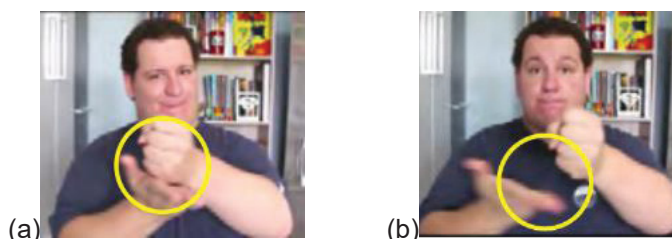


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 78).

3.3.5 Não-realização do contato

Como o próprio nome já diz, esse processo consiste na não-realização do contato presente na forma canônica do sinal. Ilustro esse processo com o sinal BÁSIC@ que tipicamente é articulado com contato entre as mãos (FIGURA 32a), mas que eventualmente pode ser realizado sem ele (FIGURA 32b).

FIGURA 32 – SINAL BÁSIC@ (A) EM SUA FORMA CANÔNICA COM CONTATO E (B) SEM CONTATO



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 78).

3.4 MOVIMENTO

Conforme explicam Silva e Xavier (2020), os processos fonológicos que afetam ou envolvem o movimento são *inserção do movimento de transição*, *apagamento da suspensão entre movimentos*, *redução do número de rotações*, *redução do número de oscilações*, *redução do número de repetições (sequência única)*, *distalização* e *proximalização*. A seguir, esses processos são definidos e ilustrados.

3.4.1 Inserção de movimento de transição

Os sinais CINCO e NOVE são articulados com a mão estática, logo, não são constituídos de movimento. Por conta disso, quando realizados em sequência, faz-se necessária a inserção de um movimento transicional entre os dois sinais, como sugere a FIGURA 33.

FIGURA 33 – INSERÇÃO DE TRANSIÇÃO ENTRE OS SINAIS CINCO E NOVE



FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 79).

3.4.2 Apagamento

Silva e Xavier (2020) identificam quatro tipos de apagamento: *apagamento de suspensão entre movimentos, a redução do número de rotações e oscilações e apagamento da repetição do movimento e redução do número de repetições (sequência única).*

3.4.3 Apagamento da suspensão entre movimentos

De acordo com Silva e Xavier (2020), os sinais são formados por segmentos do tipo suspensão, referente ao intervalo em que a mão fica parada, e do tipo movimento. Isso pode ser ilustrado com o sinal BONIT@, constituído de três segmentos: uma suspensão inicial, um movimento e suspensão final (FIGURA 34a). O processo em discussão consiste no apagamento da suspensão final, quando esta fica entre dois movimentos. É o que acontece na realização do sinal BONIT@ na FIGURA 34b, em que a suspensão final é apagada, porque tal sinal é produzido em contexto e o sinal que o segue, EL@, se inicia com um movimento.

FIGURA 34 – SINAL BONIT@ (A) COM SUA ESTRUTURA FONOLÓGICA COMPLETA E (B) COM APÓS SOFRER APAGAMENTO DA SUSPENSÃO FINAL

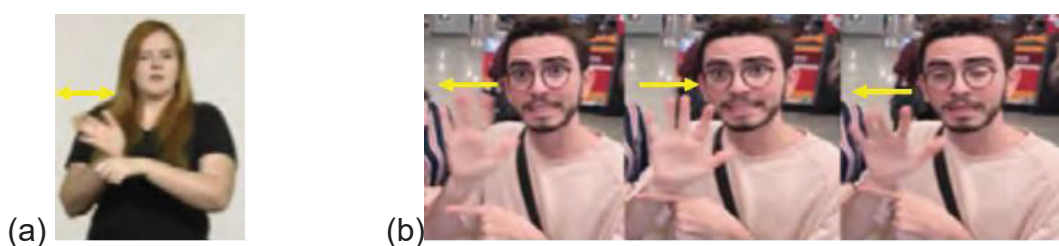


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 79).

3.4.4 Redução do número de rotações

A redução do número de repetições consiste, como o nome já diz, no apagamento de alguns ciclos de realização do movimento de um sinal. O sinal FILME, por exemplo, é realizado com uma série de movimentos de rotação do pulso (FIGURA 35a). No entanto, em alguns contextos, como o retratado na FIGURA 35b, a redução das repetições pode levar o sinal a ser executado com um único ciclo do movimento.

FIGURA 35 – SINAL FILME (A) EM SUA FORMA CANÔNICA COM VÁRIAS REPETIÇÕES DA ROTAÇÃO E (B) SOFRENDO REDUÇÃO DE ROTAÇÃO

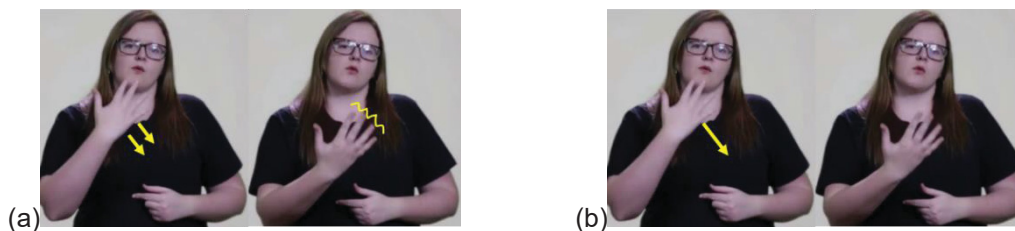


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2021, p. 80).

3.4.5 Redução do número de oscilações

Esse processo é bastante parecido com o anterior, uma vez que consiste na redução de repetições. Entretanto, neste caso, a redução se aplica a um tipo específico de movimento: os chamados movimentos locais. Tais movimentos se caracterizam como rápidos, incontáveis e repetitivos (SILVA; XAVIER, 2020). O sinal COR apresenta um dos tipos de movimento local: o tamborilar dos dedos. Comparando a forma canônica de tal sinal (FIGURA 36a) com a forma na FIGURA 36b, percebe-se que na segunda o número de movimentos dos dedos é menor.

FIGURA 36 – SINAL COR (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) COM REDUÇÃO NO NÚMERO DE OSCILAÇÕES



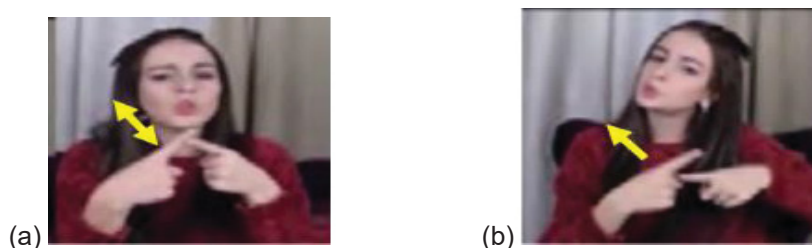
FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, s/p).

<https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/copia-neutralizacao>

3.4.6 Redução do número de repetições (sequência única)

Esse processo é parecido com os demais, uma vez que sua ocorrência também resulta na redução do número de repetições. A diferença está no tipo de movimento que sofre cada processo: no primeiro, rotações do pulso; no segundo, movimentos locais, entre eles, o tamborilar dos dedos, e, no terceiro caso, quaisquer outros tipos de movimento, como o reto, por exemplo. Esse tipo de movimento aparece no sinal POR-QUE que, na forma canônica apresenta pelo menos duas execuções desse movimento, que em alguns contextos é realizado apenas um ciclo (FIGURA 37).

FIGURA 37 – REDUÇÃO DO NÚMERO DE REPETIÇÕES DO MOVIMENTO DO SINAL POR-QUE



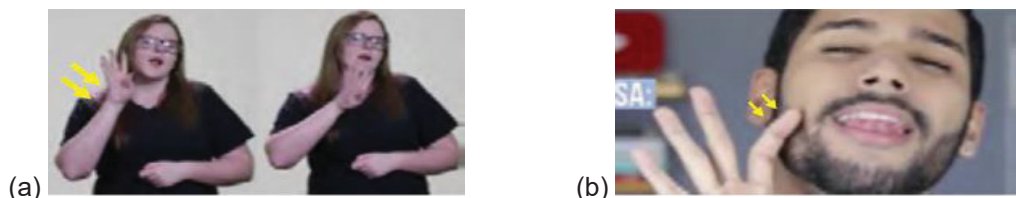
FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 81).

3.4.7 Distalização

A distalização consiste na realização de um sinal por meio de flexões de articulações mais distantes do tronco em comparação com a forma canônica. No exemplo da FIGURA 38, temos o sinal LEGAL (FIGURA 38a) em sua forma típica realizado com movimento de flexão do cotovelo, bem como sua forma distalizada, ou

seja, articulada com movimento das articulações proximal e distal do dedo indicador (FIGURA 38b).

FIGURA 38 – SINAL LEGAL (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) SOFREDO DISTALIZAÇÃO

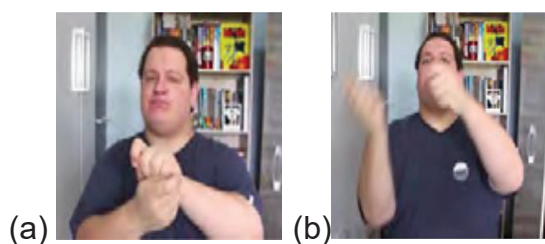


FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 81).

3.4.8 Proximalização

A proximalização consiste na produção de um dado movimento por articulações mais próximas do tronco do que a canônica. Isso ocorre com o sinal ADAPTAR que, embora seja canonicamente articulado com movimento de rotação dos pulsos (FIGURA 39a), em alguns contextos pode ser realizado com as articulações dos cotovelos (FIGURA 39b).

FIGURA 39 – SINAL ADAPTAR (A) EM SUA FORMA CANÔNICA E (B) SOFREDO PROXIMALIZAÇÃO









FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 82).

3.5 PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL

Cordeiro (2019) reporta ter identificado 122 sinais soletrados na libras, bem como a ocorrência de processos de acomodação fonológica em alguma letra manual. Entre os processos mais frequentes, o autor reporta a reestruturação da configuração de mão e da orientação da palma, bem como o apagamento de letras manuais (FIGURA 40).

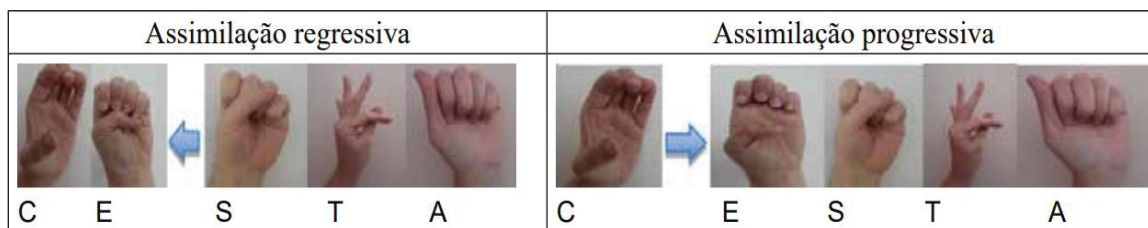
FIGURA 40 – ILUSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DE CORDEIRO (2019)

29. #CHOPP									
Uso da mão direita									
									
A	L	CM	M	O	R	2	Morf	Sem	
+	+	-	+	-	-	-	-	-	
Apagamento (A)									
Forma canônica do alfabeto manual									
									
Segmentos [H] e [O] do SD #CHOPP são apagados.									
Comparação entre a canonicidade e a acomodação fonológica									
Locação (L)									
Área canônica de alfabeto manual e datilologia					Acomodação fonológica do SD #CHOPP				
									
Área canônica de alfabeto manual e datilologia: espaço neutro ipsilateral em frente ao ombro.					Primeiro segmento [C] do SD #CHOPP: situa-se no espaço neutro superior em frente ao torso central.				
Movimento (M)									
Movimento canônico do alfabeto manual					Acomodação fonológica do SD #CHOPP				
									
Movimento canônico do alfabeto manual dos segmentos [C] e [P], respectivamente: estático.					Primeiro e último segmento [C] e [P], respectivamente, do SD #CHOPP: movimento retilíneo para ipsilateral com deslocamento de CM inicial [C] a CM final [P].				

FONTE: Reproduzido de Cordeiro (2019, p.87)

Diniz (2021), por sua vez, foca na alofonia da letra manual E motivada pelo contexto fonológico. Como se pode ver na FIGURA 41, segundo a autora, essa letra pode aparecer mais fechada, primeiro caso, ou mais aberta, segundo caso, a depender da direção da assimilação. Precisamente, ela pode aparecer mais fechada se assimilar características das letras manuais seguinte S (*assimilação regressiva*). Aparecerá mais aberta, no entanto, se assimilar características da letra manual precedente C (*assimilação progressiva*).

FIGURA 41 – ASSIMILAÇÃO NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA CESTA



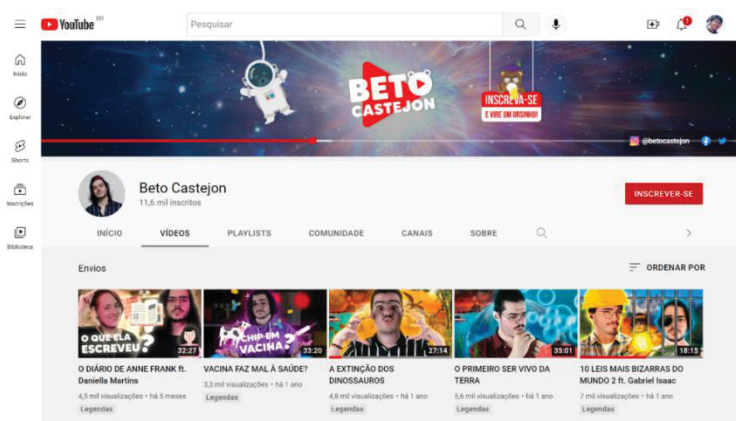
FONTE: Reproduzido de Diniz (2020, p.457).

4 MATERIAL E METÓDOS

4.1 FONTE DE DADOS

Os dados aqui analisados foram coletados de vídeos disponibilizados por um sinalizante surdo, Roberto Castejon, em seu canal no Youtube (FIGURA 42). A escolha desse sinalizante se deve ao fato de suas produções já estarem sendo analisadas por Silva (2021) e Silva e Xavier (2022), cujo trabalho embasa esta pesquisa, e por ele já ter concedido autorização para uso de seus vídeos e de sua imagem para fins científicos¹⁹.

FIGURA 42 – CANAL DO YOUTUBE DE ROBERTO CASTEJON



FONTE: <https://www.youtube.com/@BetoCastejon/about>

Objetivando traçar um perfil de Roberto Castejon, Silva e Xavier (2022) realizaram uma entrevista com 11 perguntas. Com base nelas, os referidos autores reportam que Roberto Castejon:

(...) é mineiro, nascido em Uberaba. Morou lá até seus 6 anos e depois mudou-se para Goiânia, onde cresceu. À época da entrevista, com 25 anos, estava morando na cidade de São Paulo havia três meses. É o único surdo na família, é formado em Design Gráfico e atua nessa área como autônomo. Além disso, é youtuber, influenciador digital e também trabalha como social media. Roberto aprendeu libras com quatro anos de idade na Associação de Surdos de Uberaba, nunca estudou em escola bilíngue, mas somente em escola inclusiva. Foi acompanhado por uma fonoaudióloga dos 15 anos até os 17 (2022, p.4).

¹⁹ Para facilitar a visualização dos dados obtidos nos vídeos de Roberto Castejon, eles foram recortados e disponibilizados ao longo desta dissertação em links de vídeos não-listados na minha conta no Youtube.

4.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO

Restringi minha coleta ao período de 2016 a 2020. Com isso, fiquei com 33 vídeos. Desses excluí aqueles em que havia mais de uma pessoa sinalizando. Ficando com 25 vídeos monológicos. Desses 25 vídeos, coletei 1595 soletrações manuais, em um total de 7h15min43s de vídeos analisados (Ver Apêndice 1 para mais detalhes).

Desse total, foram excluídas soletrações de sintagmas e frases, bem como sinais soletrados, ou seja, sinais que resultam da lexicalização de soletrações manuais. Para identificar esses casos e separá-los das soletrações a serem analisadas, apoiei-me no trabalho de Carvalho (2009). A autora estabelece quatro estágios para a incorporação de itens de uma língua por outra, a saber, *palavra estrangeira*, *estrangeirismo*, *xenismo* e o *empréstimo linguístico*. Esses estágios são explicados e exemplificados no QUADRO 7 a seguir.

QUADRO 7 – DIFERENTES ESTÁGIOS NA INCORPORAÇÃO DE ITENS DE OUTRAS LÍNGUAS SEGUNDO CARVALHO (2009)

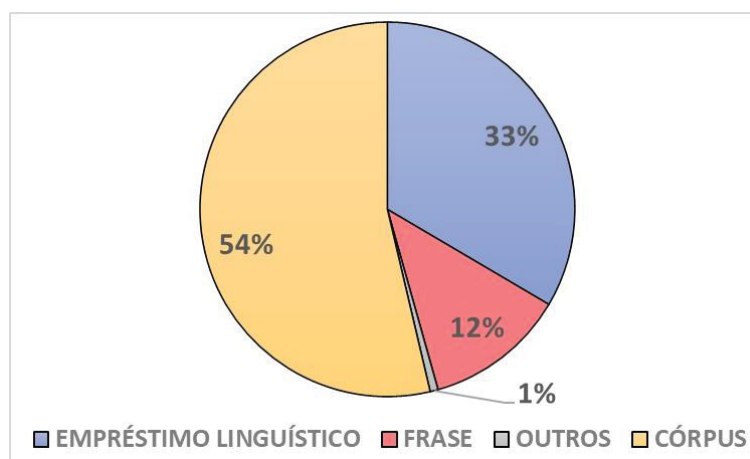
ESTÁGIO DA INCORPORAÇÃO	DESCRIÇÃO	LÍNGUA	
		PORTUGUESA (línguas estrangeiras)	LIBRAS (línguas estrangeiras entre elas a portuguesa)
Palavra estrangeira	Existente em uma língua A estrangeira. Empregada em situações esporádicas em uma língua B.	Nome de uma estação do trem de um outro país.	DEEP WEB ou FULLMETAL ALCHEMIST BROTHERHOOD
Estrangeirismo	Usado na língua B com mais frequência.	O título do filme “Avengers”	SERÁ
Xenismo	Integra o léxico da língua B, mas não apresenta ainda adaptação para essa língua.	BULLYNG	NUNCA
Empréstimos linguísticos	Adaptação fonológica e/ou semântica e/ou ortográfica na língua B.	FUTEBOL [do inglês, foot (pé) ball, (bola)]	NUNCA

FONTE: Baseado em Carvalho (2009, p. 56).

Assim, nos termos de Carvalho (2009), o *cópus* deste trabalho consiste de 856 soletrações, as quais abrangem palavras estrangeiras, estrangeirismos e

xenismos²⁰. Isso equivale a 54% de todas as soletrações identificadas, como se pode ver no GRÁFICO 1. As demais soletrações identificadas e excluídas dizem respeito a soletrações já lexicalizadas (empréstimos linguísticos, nos termos de Carvalho), 33%, soletrações de frases, 12%, e outros, 1%. A exclusão das soletrações já lexicalizadas se deve ao fato de que não há dúvida de que estas sejam sinais da libras, logo parte da língua.

GRÁFICO 1 – TIPOS DE SOLETRAÇÃO MANUAL IDENTIFICADOS



FONTE: Elaborado pelo autor.

4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

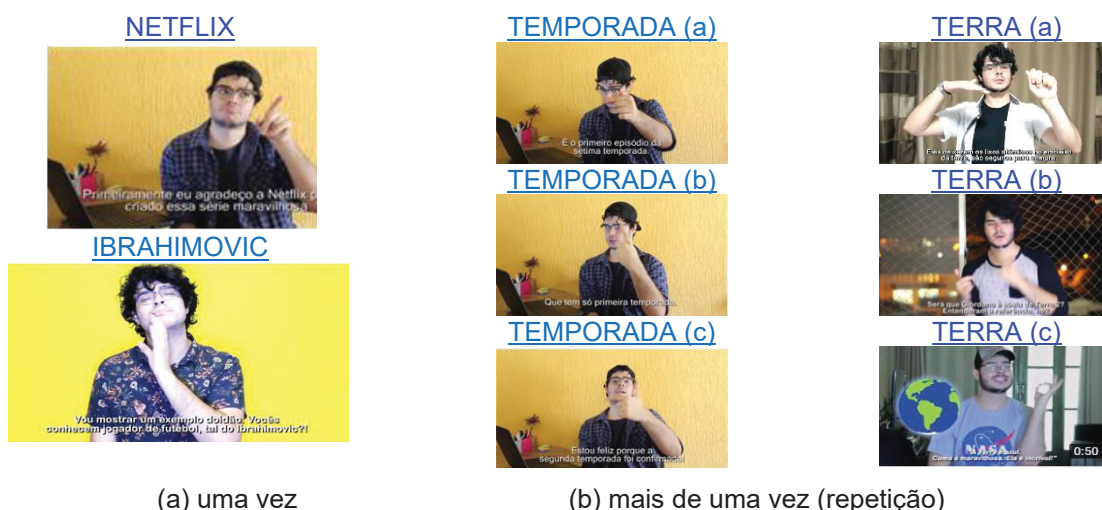
4.3.1 Frequência

Esta categoria se refere à frequência com que uma dada soletração foi encontrada no corpus deste trabalho: uma única vez ou mais de uma vez. Como se pode ver na FIGURA 43, a segunda situação abrange tanto casos como TEMPORADA, observada três vezes no mesmo vídeo, quanto casos como TERRA, observada três vezes em vídeos diferentes. As soletrações repetidas permitirão a análise da variação em suas diferentes produções. Elas, no entanto, não serão

²⁰ Considerado que, de acordo com Carvalho (2009), a determinação de fase do processo de incorporação de elementos de línguas estrangeiras está vinculada à frequência de uso na língua incorporante, abandonei a ideia de classificar os meus dados em termos de palavras estrangeiras, estrangeirismos e xenismos. Até onde eu saiba, não há para a libras corpora estatisticamente representativo que me permita inferir a frequência dessas soletrações na língua e, com base nisso, fazer essa classificação. Deixo essa questão para trabalhos futuros.

analisadas neste trabalho. Vale lembrar que soletrações incluídas na categoria uma única vez podem futuramente ser reclassificadas como pertencentes à categoria que reúne soletrações encontradas mais de uma vez caso haja expansão do período de coleta do canal do Youtube.

FIGURA 43 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS NO CÓRPUS



FONTE: <https://www.youtube.com/@BetoCastejon/about>

4.3.2 Contexto

Por meio desta categoria de análise, especifica-se o contexto em que a soletração manual foi produzida. Por exemplo, entre sinais (cf. S__S), em que S representa um sinal produzido, entre “silêncios” (cf. Ø__Ø), isto é, entre a saída e o retorno da mão ao repouso (Ø) ou entre uma combinação destes (cf. S__Ø, Ø__S). Situações em que não foi possível determinar se antes da soletração havia um sinal ou o repouso da mão, em virtude de cortes ou de imagens sobrepostas ao vídeo foram representadas pelo (?). O QUADRO 8 a seguir contém um exemplo de cada contexto identificado. Em amarelo indico os contextos não identificados no meu córpus.

QUADRO 8 – CONTEXTOS DA SOLETRAÇÃO MANUAL

<u>S</u> <u>S</u>	<u>S</u> <u>Ø</u>	<u>S</u> <u>?</u>
<u>Ø</u> <u>S</u>	<u>Ø</u> <u>Ø</u>	<u>Ø</u> <u>?</u>
<u>?</u> <u>S</u>	<u>Ø</u> <u>?</u>	<u>?</u> <u>Ø</u>

FONTE: Produzido pelo autor

A importância dessa categorização se revela na possibilidade de identificar casos de *sândi externo*, ou seja, de processos fonológicos motivados por elementos externos à soletração manual de casos de *sândi interno*, isto é, de processos fonológicos motivados por elementos internos à palavra soletrada.

4.3.3 Processos fonológicos

A terceira categoria de análise se refere aos diferentes tipos de processos fonológicos que podem ocorrer durante a sinalização e que objetivo identificar na soletração manual. Essa categoria se baseou no trabalho de Silva e Xavier (2020, 2022) que, além de identificar, documentar e descrever processos fonológicos da libras, ainda propõem uma classificação para os mesmos. Precisamente, os autores agrupam tais processos em quatro macro-categorias, a saber, geral, mão não-dominante, localização e movimento. A primeira macro-categoria é assim chamada, porque abrange processos fonológicos também encontrados nas línguas faladas. As demais categorias, por sua vez, reúnem processos, segundo Silva e Xavier (2020, 2022), exclusivos às línguas de sinais. Cada um dos processos listados no QUADRO 9 já foi definido e ilustrado no capítulo 3.

QUADRO 9 – TIPOS DE PROCESSOS FONOLÓGICOS

GERAL		MÃO NÃO DOMINANTE (MND)	LOCALIZAÇÃO	MOVIMENTO
Assimilação	Configuração de mão*	Antecipação	Ipsilaterização	Inserção de transição
	Orientação	Perseveração	Contralaterização	Apagamento: Suspensão entre movimentos Rotação Oscilação
	Localização	Congelamento	Neutralização	
Metátese	Acréscimo da MND	Abaixamento	Alçamento	Repetição (sequência única)
	Configuração de mão	Apagamento	Não realização do contato	Distalização
	Localização			Proximalização
	Movimento (da MD para a MND)**			

Fonte: criado pelos autores
 (*) Foram também encontrados casos de assimilação simultânea.
 (**) Foram encontrados apenas casos de metátese simultânea.

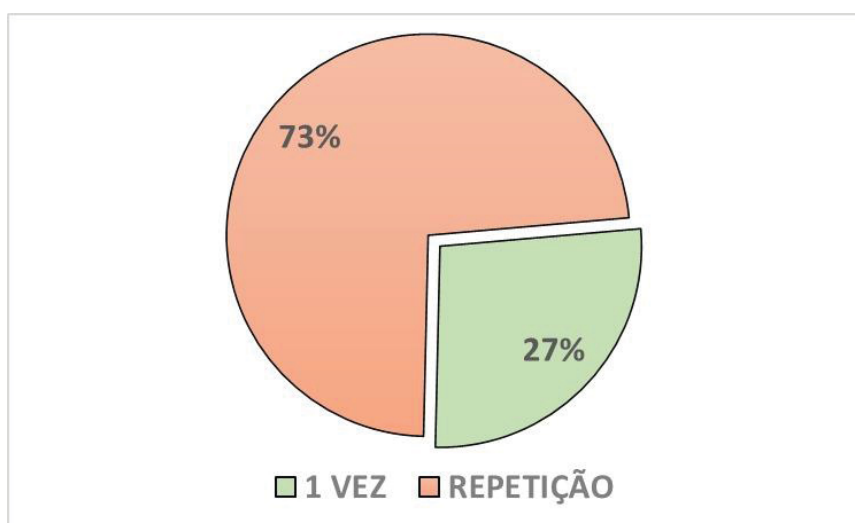
FONTE: Reproduzido de Silva e Xavier (2020, p. 71).

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 FREQUÊNCIA

A classificação dos dados em relação à frequência revelou que as soletrações observadas uma única vez na janela temporal selecionada no canal de Roberto Castejon no Youtube compreendem 73% de todos os meus dados. As soletrações que ocorreram mais de uma vez, por sua vez, correspondem a apenas 27% deles (GRÁFICO 2). Por restrições de tempo, optei por analisar processos fonológicos nas soletrações que compõem o primeiro e mais frequente grupo. Com isso, deixo para estudos futuros as palavras soletradas mais de uma vez em meu córpus. Sendo assim, as palavras efetivamente analisadas aqui totalizam 227²¹.

GRÁFICO 2 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS



FONTE: Elaborado pelo autor.

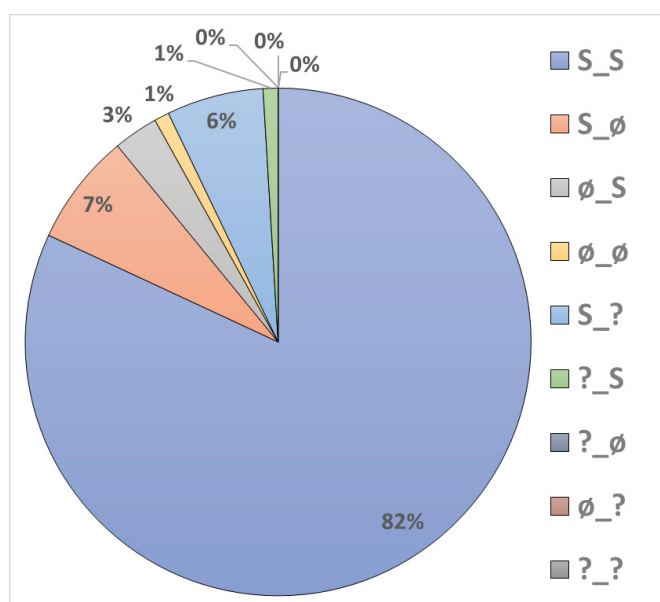
5.2 CONTEXTO

Já a classificação dos dados em termos do contexto em que a soletração foi produzida mostrou que a maioria desta, 82%, se deu entre sinais (S_S). O segundo contexto mais frequente, correspondente a 7% dos dados, foi aquele em que a

²¹ As 227 soletrações analisadas são listadas no APÊNDICE 2. Lá também apresento um gráfico mostrando que, assim como no estudo de Padden e Gunsauls (2003), predominam entre as soletrações substantivos do português.

soletração é antecedida por um sinal e seguida por uma pausa, (S_0). O terceiro mais frequente, 6%, diz respeito aos casos em que a soletração segue um sinal, mas que não é possível determinar o que a segue exatamente, (S_?). O contexto em que a soletração ocorre entre uma pausa e um sinal, (0_S), foi observado em apenas 3% dos casos. Os contextos (?_S) – soletrações antecedidas por elemento indeterminado e seguidas por um sinal – e (0_0) – referente à soletração entre pausas – foram os menos frequentes. Cada um deles correspondeu 1% dos casos. Os contextos (?_0), (0_?) e (?_?) não foram identificados. Esses resultados são apresentados no GRÁFICO 3.

GRÁFICO 3 – FREQUÊNCIA DAS PALAVRAS SOLETRADAS EM DIFERENTES CONTEXTOS



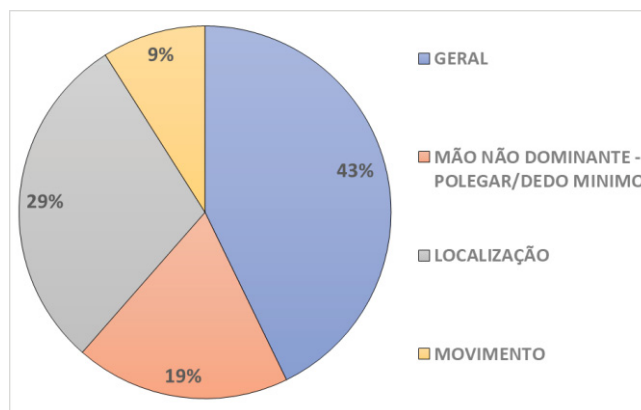
FONTE: Elaborado pelo autor.

5.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Apresento no GRAFÍCO 4 os resultados com relação a ocorrência de processos fonológicos na soletração manual seguindo a classificação de Silva e Xavier (2020, 2022). No gráfico, vemos que os processo fonológicos gerais são os mais frequentes, enquanto os relacionados ao movimento, os menos. As subcategorias de cada uma dessas quatro principais categorias de processos fonológicos serão discutidas e ilustradas nas subseções a seguir. Antecipo, como se pode ver no gráfico, uma das adaptações que tive de fazer em relação às categorias de Silva e Xavier (2020, 2022) quando as apliquei a soletrações manuais. Por seu

comportamento análogo à mão não-dominante na soletração, inclui nessa categoria o polegar e o dedo mínimo.

GRÁFICO 4 – FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL



FONTE: Elaborado pelo autor.

5.3.1 Geral

Identifique nas soletrações manuais que constituem o corpus deste trabalho tanto casos de assimilação da configuração de mão, da orientação, da localização e do número de mãos, quanto casos de metátese envolvendo a configuração e o movimento.

5.3.1.1 Assimilação

CONFIGURAÇÃO DE MÃO


Na soletração da palavra zeus (FIGURA 46), a letra manual E , copia o número de dedos da configuração da letra manual seguinte U. Trata-se de um caso de assimilação regressiva.

FIGURA 46 – ASSIMILAÇÃO DA CONFIGURAÇÃO DA LETRA MANUAL U PELA LETRA MANUAL E NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZEUS

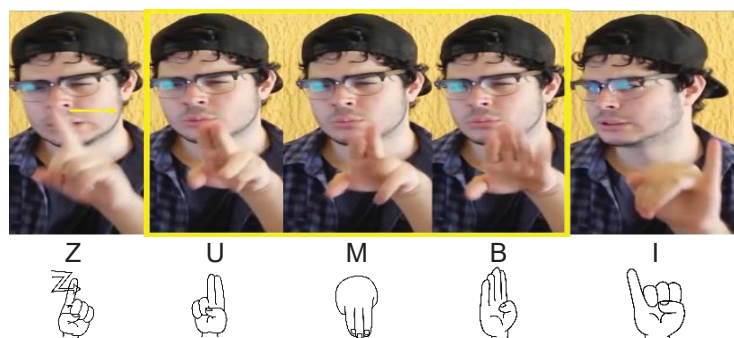


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/bAgr4CI0WsE>

ORIENTAÇÃO

Na soletração da palavra zumbi, as letras manuais U, M, B assimilam progressivamente a orientação da palma para baixo da letra manual Z (FIGURA 47).

FIGURA 47 – ASSIMILAÇÃO DA ORIENTAÇÃO DA LETRA MANUAL Z PELAS LETRAS MANUAIS U-M-B NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZUMBI



FONTE: Elaborado por autor.
<https://youtu.be/CoZIRyy5ss>

LOCALIZAÇÃO

Diferentemente dos dois casos anteriores que podem ser tratados como sândi interno, na soletração da palavra *nudes* (FIGURA 48), temos um caso de sândi externo, pois se observa que toda a soletração dessa palavra é feita na mesma localização do sinal NU, que a antecede. Por se tratar da cópia de uma

característica de um elemento anterior, o caso em questão é uma assimilação progressiva.

FIGURA 48 – ASSIMILAÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DO SINAL NU PELA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA NUDES

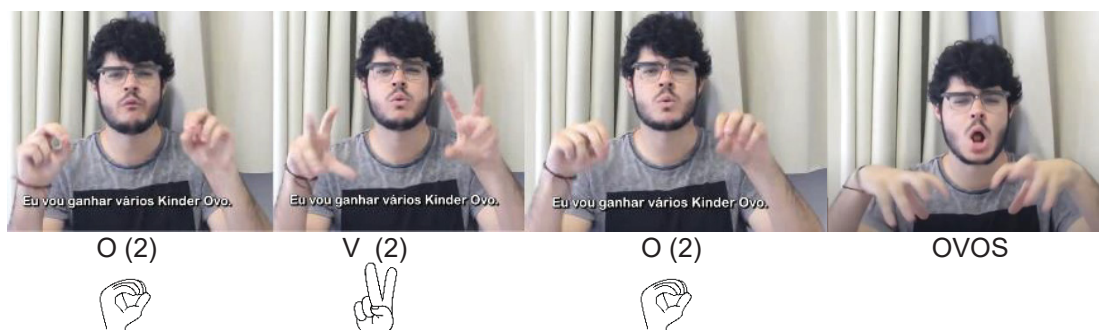


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/zLnPZXnwLrl>

ACRÉSCIMO DA MÃO NÃO-DOMINANTE

Na FIGURA 49, temos um caso de soletração, tipicamente realizada com apenas uma mão, sendo produzida com duas mãos. Isso deve ter sido motivado pelo sinal bimanual que segue essa soletração: OVO. Se minha análise estiver correta, trata-se aqui de mais um caso de sândi externo do tipo assimilação regressiva.

FIGURA 49 – ASSIMILAÇÃO DO NÚMERO DE MÃOS NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA OVO



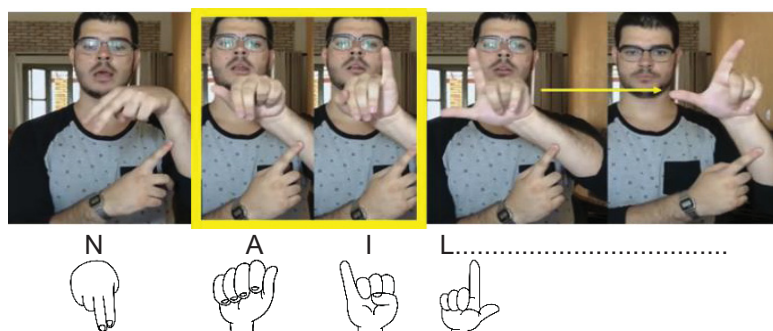
FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/XIPBNRO5vi8>

5.3.1.2 Metátese

CONFIGURAÇÃO DE MÃO

Na soletração do nome Niall (FIGURA 50), observa-se que as letras manuais A e I sofrem a troca de posição, sendo, portanto, realizada como N-A-I-L-L.

FIGURA 50 – METÁTESE DAS LETRAS MANUAIS I E A DURANTE A SOLETRAÇÃO DO NOME NIALL



FONTE: Elaborado pelo autor
https://youtu.be/ct8lz606_ws

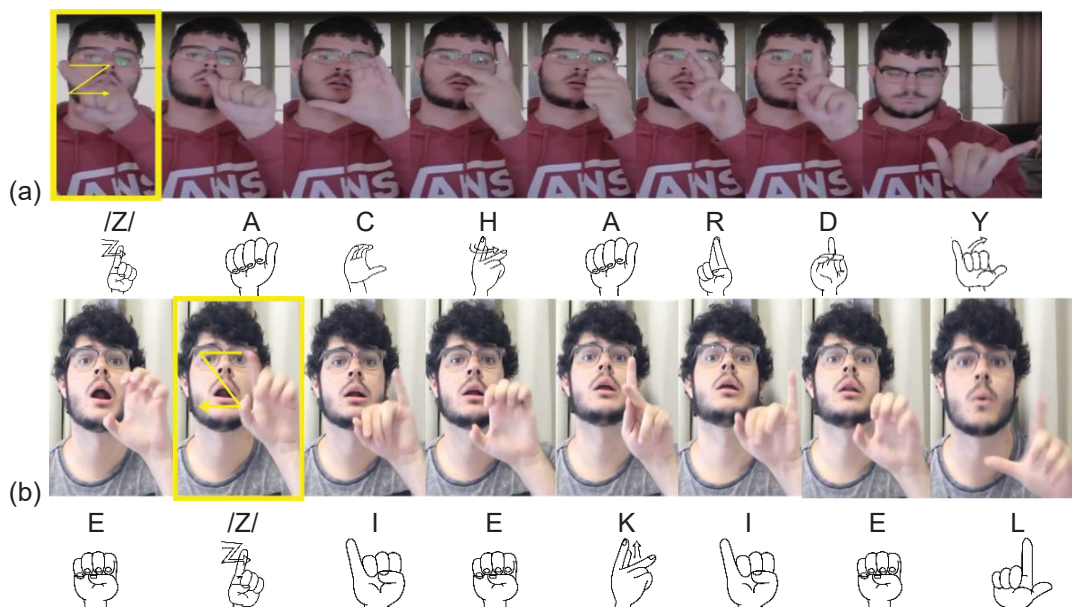
É importante mencionar que, embora surdos façam trocas desse tipo na escrita do português (ver Capovilla et al. (2004) para uma discussão sobre *paragrafias literais*), parece-me que os casos de metátese aqui discutidos são semelhantes àqueles reportados na literatura sobre línguas faladas e sinalizadas e que aparentemente não têm uma relação com a imagem ortográfica que o falante/sinalizante tem de uma determinada palavra como, por exemplo, 'lagarto' vs. 'largato' em português (SILVA, 2011) e COMPRAR em libras (SILVA; XAVIER, 2022).

MOVIMENTO

As letras manuais H, Z, J, K, X e Y são as únicas que apresentam movimento e que, portanto, em tese, podem sofrer metátese nesse parâmetro. Nos dados aqui analisados, encontrei um caso de metátese envolvendo a letra manual Z. Precisamente, observei que, diferentemente de sua realização habitual, do lado contra lateral para o ipsilateral apresentada na soletração da palavra Zachardy

(FIGURA 51a), o sinalizante produziu a letra manual Z com movimento inverso, ou seja, do lado ipsilateral para o contralateral quando soletrou a palavra Ezekiel (FIGURA 51b).

FIGURA 51 – METÁTESE DO MOVIMENTO DA LETRA MANUAL Z ZACHARDY



FONTE: Elaborado pelo autor.

(a) https://youtu.be/XaHkmlXrl_Y

(b) <https://youtu.be/hrdKvjd9sCQ>

5.3.2 Mão não-dominante – Polegar/Dedo mínimo

Em comparação à proposta de Silva e Xavier (2020, 2022), esta categoria de processos fonológicos sofreu alterações ao ser aplicada à soletração manual. Como já dito, observei que o polegar e o dedo mínimo apresentaram comportamento análogo à mão não-dominante na sinalização corrente, na medida em que podem ser antecipados e perseverados. Por conta disso, eu os incluí na mesma categoria que originalmente só abrangia a mão não-dominante. Além disso, considerando que o alfabeto manual usado na libras é monomaneal, concluí que a soletração manual não está suscetível a processos como apagamento, congelamento e abaixamento da mão não-dominante. Uma exceção é o acréscimo da mão não dominante em processos assimilatórios, como vimos na soletração da palavra ovo (FIGURA 49). Como se verá a seguir, nos dados aqui analisados, foram encontrados apenas casos de antecipação e perseveração do polegar e dedo mínimo.

5.3.2.1 Antecipação

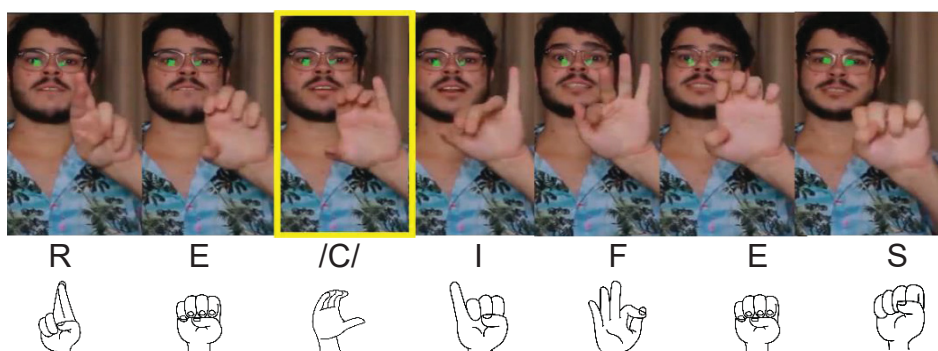
Durante a soletração da palavra Zeus retratada na FIGURA 52, vê-se que polegar aparece em preparação para a articulação da letra manual S enquanto ainda está realizando a letra manual U. Já na FIGURA 53, vê-se que a letra manual I é antecipada durante a produção da letra manual C na soletração da palavra Recife.

FIGURA 52 – ANTECIPAÇÃO DO POLEGAR DA LETRA MANUAL S DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL U NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA ZEUS



FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/bAgr4CI0WsE>

FIGURA 53 – ANTECIPAÇÃO DO DEDO MÍNIMO DA LETRA MANUAL C DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL I NA SOLETRAÇÃO DA PALAVRA RECIFES

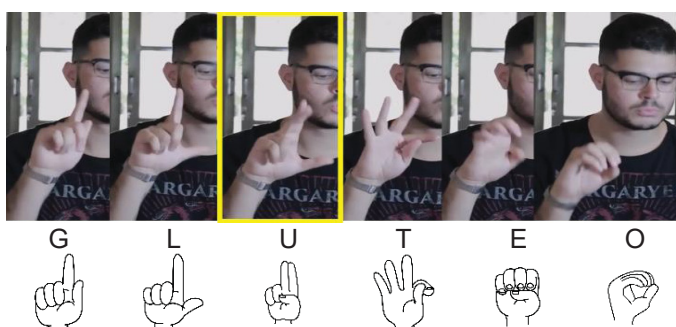


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/xEVFtjoym-4>

5.3.2.2 Perseveração

A perseveração do polegar pode ser observada no exemplo da FIGURA 54, no qual se vê que sua ativação desde a produção da letra manual L persiste durante a produção da letra manual U na soletração da palavra glúteo.

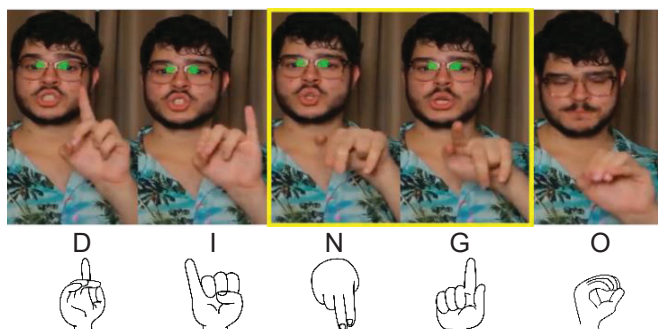
FIGURA 54 – PERSEVERAÇÃO DO POLEGAR DA LETRA MANUAL L DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL U NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA GLÚTEO



FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/hxJRjO-hKU>

Semelhantemente, observa-se na FIGURA 55 a perseveração da letra manual I durante a produção das letras manuais N e G na soletração da palavra Dingo.

FIGURA 55 – PERSEVERAÇÃO DO DEDO MÍNIMO DA LETRA MANUAL I DURANTE A PRODUÇÃO DA LETRA MANUAL N-G NA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA DINGO



FONTE: Elaborado pelo autor.
https://youtu.be/7vK_K-GxDlw

5.3.3 Localização

Entre os processos fonológicos relacionados à localização observados na soletração manual, o único não encontrado foi a neutralização. Sendo assim, passo a ilustrar os demais, ipsilateralização, contralateralização, alçamento e não realização de contato, nas subseções seguintes. Antes, no entanto, cabe lembrar que, segundo Battison (1978), tipicamente a soletração manual se dá em uma região em frente no ombro ipsilateral (FIGURA 56). Dessa forma, serão considerados como casos de ipsilateralização aqueles em que a mão aparecer em uma localização mais ipsilateralmente afastada da localização típica e como casos de contralateralização aqueles em que a mão aparece em uma localização no lado oposto ao da mão dominante.

FIGURA 56 – REGIÃO DA SOLETRAÇÃO MANUAL



FONTE: Battison, (1978, p.27).

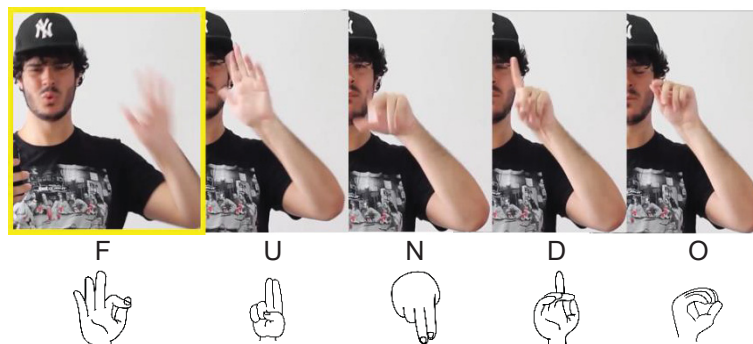
Como se verá, embora em tese os casos de alçamento e abaixamento possam levar a soletração a ocorrer, respectivamente, em localizações mais altas e mais baixas fora da região típica da soletração, os casos aqui identificados mostram que ambos os processos se dão dentro dessa região.

5.3.3.1 Ipsilateralização

Como exemplo de ipsilateralização na soletração, pode-se citar a produção da letra manual F da palavra soletrada fundo. Nesse caso, o processo parece se

explicar pela influência da localização final do sinal anterior FUNDO. Sendo assim, trata-se de mais um caso de sândi externo.

FIGURA 57 – IPSILATERALIZAÇÃO DA LETRA MANUAL A DURANTE SOLETRAÇÃO DA PALAVRA FUNDO

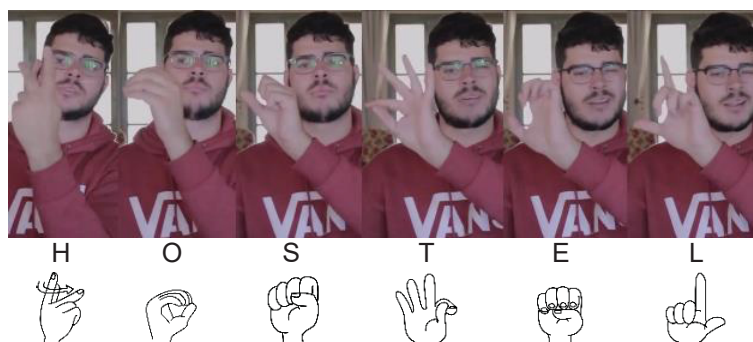


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/5HNViGsxeXE>

5.3.3.2 Contralateralização

Como exemplo de contralateralização na soletração, pode-se citar a soletração da palavra *hostel* representada na FIGURA 58. Ao que parece, o processo ocorre nesse caso por razões sintáticas, já que antes da soletração o sinalizante apontou para a localização no lado contralateral do espaço de sinalização associada ao *hostel* e, na sequência, fez a soletração manual da palavra em questão.

FIGURA 58 – CONTRALATERALIZAÇÃO DA SOLETRAÇÃO DE PALAVRA HOSTEL



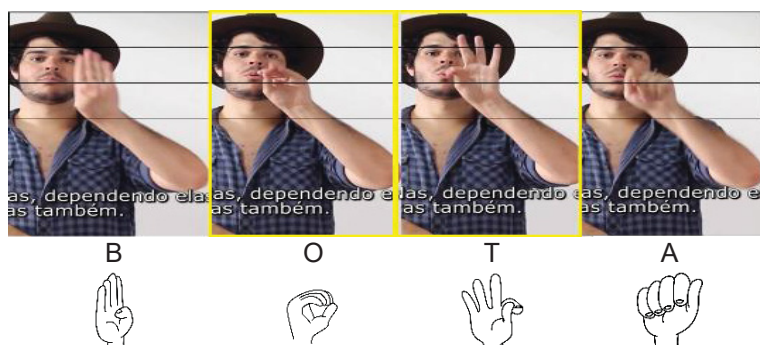
FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/UnA1-GP6Pj4>

5.3.3.3 Alçamento

A ocorrência de alçamento na soletração pode ser ilustrada através do dado retratado na

FIGURA 59. Trata-se da soletração da palavra bota, na qual podemos ver a realização das letras manuais O e T em posição mais elevada do que as letras manuais B e A

FIGURA 59 – ALÇAMENTO DAS LETRAS MANUAIS O E T DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA BOTA



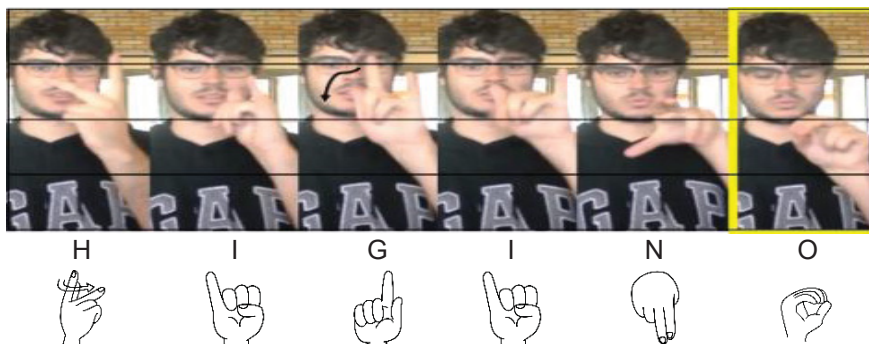
FONTE:Elaborado pelo autor.

<https://youtu.be/BsfDYF7SxXY>

5.3.3.4 Abaixamento

Já a ocorrência de abaixamento na soletração pôde ser observada no dado apresentado na FIGURA 60. Nele, vê-se a soletração da palavra Higino, durante a qual a última letra manual O exibe uma posição mais baixa do que outras letras manuais da palavra.

FIGURA 60 – ABAIXAMENTO DA LETRA MANUAL O DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA HIGINO



FONTE: Elaborado pelo autor.

<https://youtu.be/Yw2oYT4q1vA>

5.3.4 Movimento

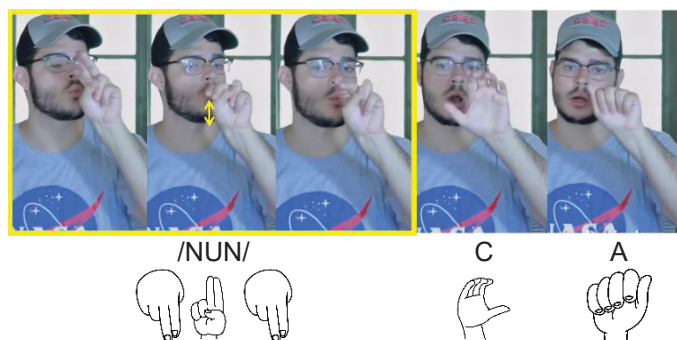
Por fim, em relação à categoria de processos fonológicos relativos ao movimento proposta por Silva e Xavier (2020, 2022), observei a ocorrência de cinco dos sete processos observados na produção de sinais, a saber, (i) inserção de transição, (ii) apagamento de suspensão entre movimentos, (iii) apagamento de movimento e (iv) distalização. Além desses, pela natureza das (v) “tremulações” observadas na produção da letra manual Ç (movimentos rápidos, repetidos e incontáveis), incluí suas reduções na categoria redução de oscilações. Além desses, identifiquei outro processo não mencionado por Silva e Xavier (2020, 2022): (vi) a inserção de movimento. Esses processos serão ilustrados nas subseções seguintes.

Cabe mencionar que os únicos processos relativos ao movimento efetivamente não observados foram a redução de rotações, já que nenhuma letra manual da libras apresenta movimentos repetidos de rotação do punho, e a distalização, provavelmente porque a maior parte das letras manuais da libras ser produzida sem movimento, logo, sem flexão em nenhuma articulação.

5.3.4.1 Inserção de transição

A inserção de movimento de transição pode ser observada no exemplo da FIGURA 61 entre todas as letras, uma vez que ele se faz necessário para que se passe de uma letra manual para a outra. Nesse exemplo, no entanto, destaco o movimento transicional entre as letras manuais N e U e entre as letras manuais U e N. Por apresentarem a mesma configuração de mão, a transição entre as referidas letras manuais resulta em um movimento bidirecional repetido de flexão das articulações metacarpofalangeanas dos dedos indicador e médio.

FIGURA 61 – INSERÇÃO DE MOVIMENTO DE TRANSIÇÃO DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA NUNCA

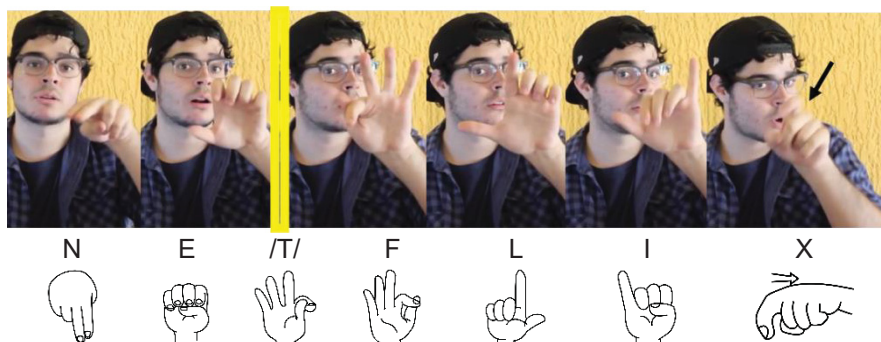


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/a3NG7lb5euY>

5.3.4.2 Apagamento de suspensão entre movimentos

Na soletração manual, o apagamento de suspensão entre movimentos resulta na não realização de uma letra manual. No exemplo apresentado na FIGURA 62, vê-se que isso ocorre com a letra manual T durante a soletração da palavra Netflix.

FIGURA 62 – APAGAMENTO DA LETRA MANUAL T DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA NETFLIX



FONTE: Elaborado pelo autor.
https://youtu.be/0z_QL0PJAz0

5.3.4.3 Apagamento de movimento

Silva e Xavier (2020, 2022) não incluem entre os processos que envolvem o movimento algum que consista precisamente no apagamento de parte dele e não de uma ou mais repetições de seus ciclos. Em razão de ter observado esse fenômeno na soletração, por exemplo, da letra manual Z durante a soletração da palavra ZEUS

(FIGURA 63), proponho sua inclusão. Nesse exemplo, vê-se que a mão não zigzagueia de forma completa como na forma canônica. Na verdade, ela descreve apenas o primeiro traço vertical que compõe a letra em questão.

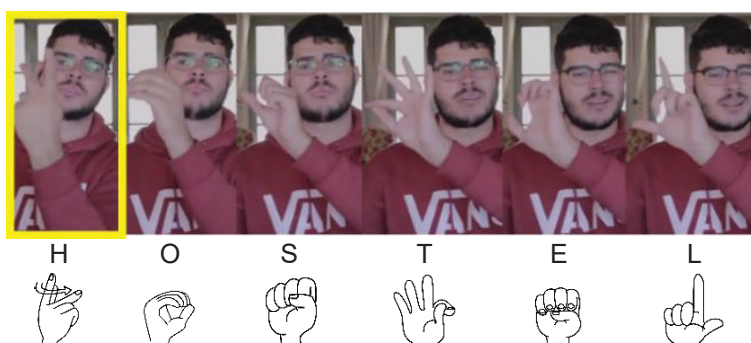
FIGURA 63 – APAGAMENTO DE MOVIMENTOS NA LETRA MANUAL Z DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA ZEUS



FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/bAgr4CI0WsE>

Observei também casos de apagamento parcial do movimento como, por exemplo, durante a realização da letra manual H na soletração da palavra *hostel*. Como se pode ver no exemplo apresentado na FIGURA 64, a letra manual H é produzida através de um movimento da semi-rotação da mão, apresentando, portanto, uma redução da forma canônica, tal como se pode observar na produção da mesma letra durante a soletração do nome Higino (FIGURA 60).

FIGURA 64 – REDUÇÃO DA ROTAÇÃO DA LETRA MANUAL H DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA HOSTEL

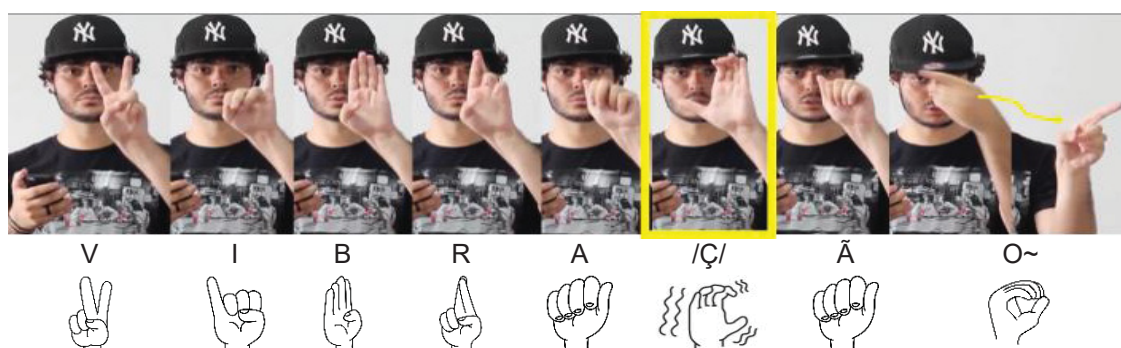


FONTE: Elaborado pelo autor.
<https://youtu.be/UnA1-GP6Pj4>

5.3.4.4 Redução do número de oscilações ou tremulações

Observei a redução no número de tremulações na realização da letra manual Ç durante a soletração da palavra vibração. Como se pode ver na FIGURA 65, diferentemente da forma de citação dessa letra manual em que se observam movimentos repetidos e rápidos de girar do antebraço, na produção em questão, a letra manual Ç não apresenta nenhuma tremulação, tornando-se, inclusive, “homófona” à letra manual C.

FIGURA 65 – REDUÇÃO NO NÚMERO DE TREMULAÇÕES DA LETRA MANUAL Ç DURANTE A SOLETRAÇÃO DA PALAVRA VIBRAÇÃO



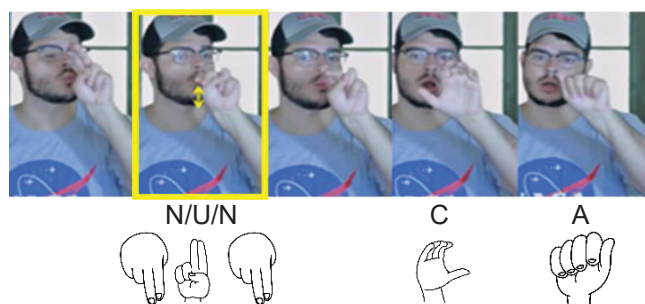
FONTE: Elaborado pelo autor.

<https://youtu.be/iLK7fvz-BqA>

5.3.4.5 Distalização

Entre os casos de distalização identificados na soletração está o apresentado na FIGURA 66. Nele vê-se que o movimento de transição da letra manual N para U e de U para N se dá através da flexão da articulação metacarpofalangeana dos dedos indicador e médio e não da flexão do pulso, onde normalmente ocorre.

FIGURA 66 – A LETRA U DISTALIZADO DURANTE A SOLETRAÇÃO DE PALAVRA NUNCA



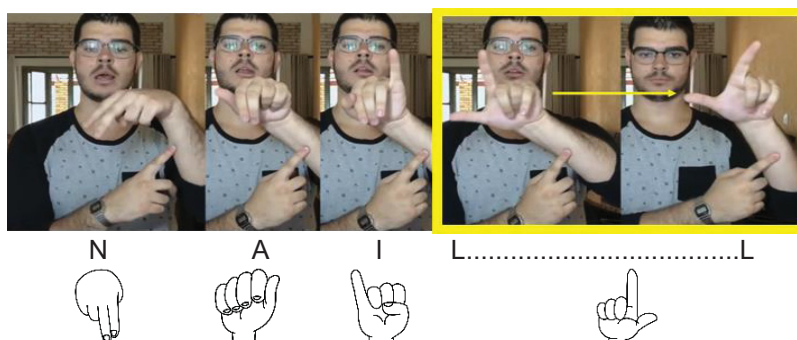
FONTE: Elaborado pelo autor.

<https://youtu.be/a3NG7lb5euY>

5.3.4.6 Inserção de movimento

Os casos de inserção de movimento na soletração manual foram observados em contextos em que há uma sequência de letras manuais idênticas como SS e RR, próprias da ortografia da língua portuguesa, ou como LL (FIGURA 67), presentes na ortografia do inglês. Como as imagens abaixo sugerem, a inserção de movimento nesse caso resulta na realização da letra manual por meio de um movimento reto para o lado, em substituição à realização de cada letra manual com um movimento de transição entre elas.

FIGURA 67 – INSERÇÃO DE MOVIMENTO DA LETRA MANUAL L DURANTE A SOLETRAÇÃO DO NOME NIAL



FONTE: Elaborado pelo autor
https://youtu.be/ct8lz606_ws

6 COMPARAÇÃO ENTRE PROCESSOS FONOLÓGICOS EM SINAIS E NA SOLETRAÇÃO

Apresento no QUADRO 10 uma síntese comparativa entre os resultados de Silva e Xavier (2020), referentes aos processos fonológicos que identificaram na produção em contexto de sinais da libras e os obtidos por mim na análise da soletração manual. Como se pode ver, com exceção (1) da metátese de localização, (2) do congelamento, (3) do apagamento e (4) do abaixamento da mão não-dominante, (5) da neutralização, do apagamento (6) de rotação e (7) repetição e (8) da proximalização, todos os outros processos foram encontrados na soletração manual.

QUADRO 10 – COMPARAÇÃO OS PROCESSOS FONOLOGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL COM BASE EM SILVA E XAVIER (2020)

Processos fonológicos			Silva e Xavier (2021)	Souza (2022)	
GERAL	Assimilação	Configuração de mão	X	X	
		Orientação	X	X	
		Localização	X	X	
	Metátese	Mão não dominante	X	X	
		Configuração de mão	X	X	
		Localização	X	-	
	Movimento	X	X		
MÃO NÃO DOMINANTE, POLEGAR E DEDO MINIMO	Antecipação		X	X	
	Perseveração		X	X	
	Congelamento		X	-	
	Apagamento		X	-	
	Abaixamento		X	-	
LOCALIZAÇÃO	Ipsilateralização		X	X	
	Contralateralização		X	X	
	Neutralização		X	-	
	Alçamento		X	X	
	Não realização do contato		X	X	
	Abaixamento **		-	X	
MOVIMENTO	Inserção de transição		X	X	
	Inserção de movimento		X	X	
	Apagamento	Suspensão entre movimentos		X	X
		Movimento		-	X
		Rotação		X	-
		Oscilação e Tremulação		X	X
	Repetição (sequência única)		X	-	
	Distalização		X	X	
Proximalização		X	-		
	Indica uma diferença entre os processos fonológicos observados entre sinais e soletração manual				
**	Indica alteração na categoria original ou a inclusão de um novo tipo de processo fonológico				

FONTE: Produzido pelo autor.

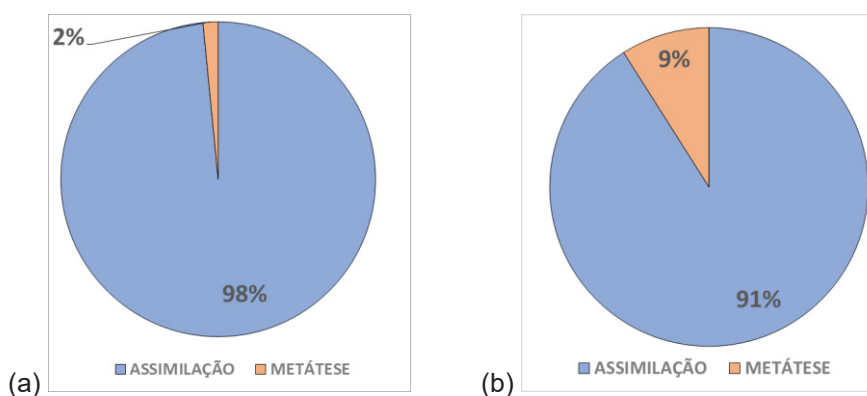
É importante dizer, no entanto, que a não identificação desses processos na soletração manual parece decorrer das características fonológicas dos sinais que compõem o alfabeto manual usado na libras. Por serem produzidas com uma mão, as letras manuais não podem sofrer congelamento, apagamento ou abaixamento da mão não-dominante. Por serem ou majoritariamente estáticas ou formadas por um único movimento, as letras manuais também não estão suscetíveis a sofrer redução da repetição de rotação ou de outros tipos de movimento. Por fim, a não identificação de neutralização pode decorrer do fato de a soletração ser realizada, talvez por razões perceptuais, na frente do ombro ipsilateral (BATTISON, 1989) e a não observação de proximalização pode se explicar pelo fato de a maior parte das letras ser produzida sem movimento.

Como já dito no capítulo anterior, a análise dos processos fonológicos na soletração exigiu algumas adaptações nas categorias propostas por Silva e Xavier (2020). Uma delas diz respeito à inclusão do polegar e do dedo mínimo na macrocategoria 'Mão não-dominante', uma vez que na soletração manual tais dedos parecem ser análogos àquela mão na produção de sinais em contexto. Foi necessário incluir o processo 'Abaixamento', análogo ao 'Abaixamento da mão não-dominante' na categoria localização, uma vez que no caso da soletração observei sua ocorrência na mão dominante. Por fim, propus uma nova categoria entre os casos de apagamento, o 'Apagamento de movimento', e acrescentei a 'Tremulação' ao processo apagamento/redução de oscilação, uma vez que nenhuma letra manual é constituída de movimentos oscilatórios, mas a letra manual Ç apresenta tremulação.

Comparando meus resultados com os de Silva e Xavier (2022) relacionados à produção de sinais em contexto pelo mesmo sinalizante surdo aqui investigado, Roberto Castejon, observei semelhanças e diferenças na frequência de ocorrência de processos fonológicos na soletração manual. Faço essa comparação aqui sem a pretensão de que ela indique alguma tendência. O período considerado por Silva e Xavier (2022) é maior que o considerado aqui e a maior ou menor frequência de um dado processo pode ser meramente um reflexo da quantidade de dados analisados nos diferentes trabalhos.

Em relação à categoria geral, obtive resultados próximos aos de Silva e Xavier (2022). Precisamente, observei uma maior frequência de assimilação do que de metátese (GRÁFICO 5).

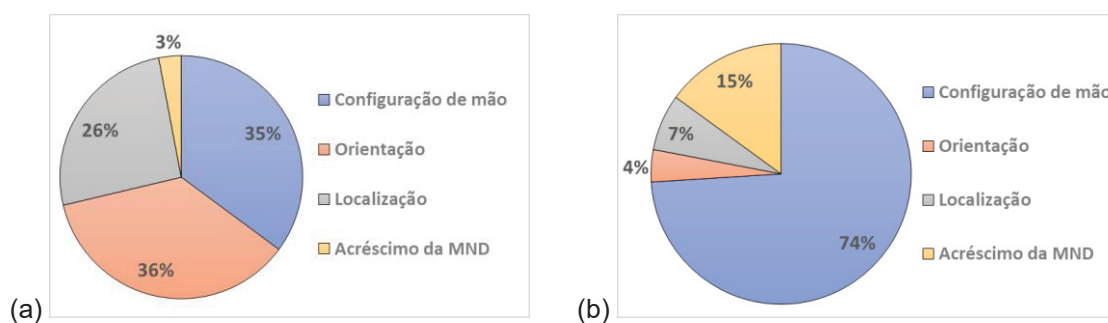
GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS DA CATEGORIA GERAL



FONTE: (a) Elaborado por autor e (b) reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 5).

Especificamente em relação à assimilação, os resultados obtidos neste estudo diferem dos de Silva e Xavier (2022), uma vez que indicam uma diferença pequena entre as assimilações de configurações de mão e de orientação (GRÁFICO 6). Isso pode decorrer do fato de que a maioria das letras manuais apresentam orientação para frente. Conseqüentemente, quando letras manuais como C e O, normalmente articuladas com a palma orientada para o lado são usadas, elas estarão em contextos que exercerão pressão para que sua orientação assimile a configuração das letras adjacentes. Em relação à assimilação da localização na soletração, é importante dizer que ela se refere aos casos de sândi externo, dado que todas as letras manuais são produzidas no mesmo ponto de articulação e, portanto, não podem assimilar uma característica idêntica.

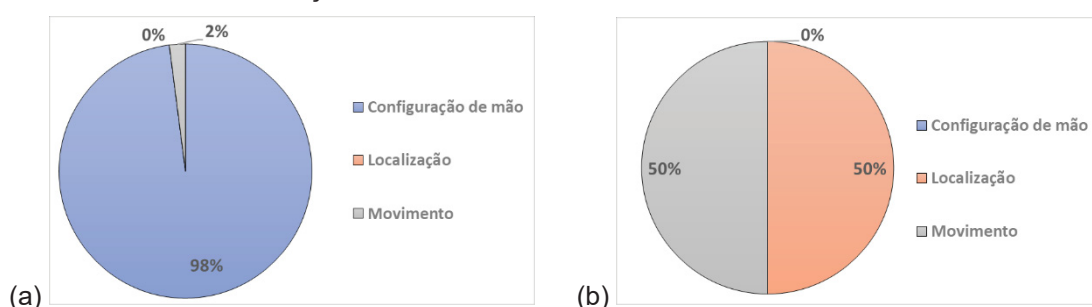
GRÁFICO 6 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE ASSIMILAÇÃO



FONTE: (a) Elaborado pelo autor e (b) reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 5).

Meus resultados também diferiram dos de Silva e Xavier (2022) em relação à metátese. Como se pode ver nos gráficos em GRÁFICO 7, no caso das soletrações, predominam metáteses relacionadas à configuração de mão, enquanto nos resultados de Silva e Xavier (2022), metáteses desses tipos são tão frequentes quanto às relacionadas à localização (GRÁFICO 7). É importante dizer que, qualitativamente, as metáteses de configuração na soletração são diferentes das atestadas entre os sinais. No primeiro caso, tem-se uma alteração na ordem das letras manuais. No segundo caso, tem-se a alteração na ordem das duas configurações que formam um determinado sinal. Além disso, vale registrar também que a não identificação de metátese de localização na soletração manual é esperada, pois as letras manuais são formadas por uma mesma localização e essa localização é idêntica para todas as letras.

GRÁFICO 7 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE METATÉSE

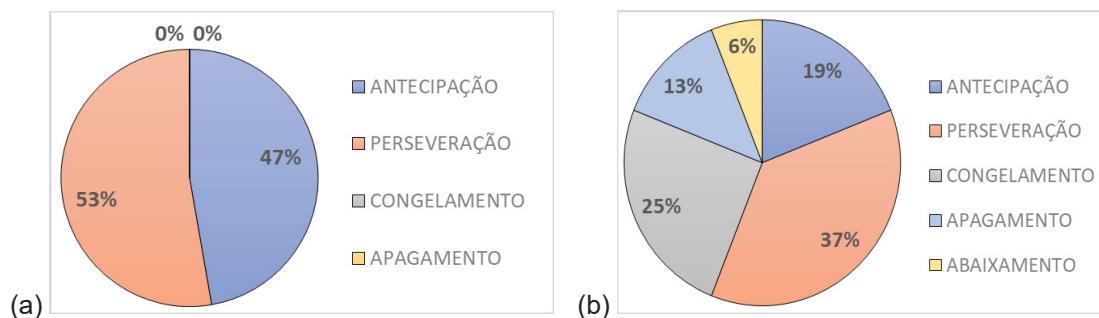


FONTE: (a) Elaborado pelo autor e (b) reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 6).

Em relação à categoria mão não-dominante, polegar e dedo mínimo, a comparação quantitativa ficou prejudicada, uma vez que para a soletração essa categoria se restringiu aos processos antecipação e perseveração. Mesmo assim, foi

possível observar maior frequência de perseveração em ambos os estudos (GRÁFICO 8).

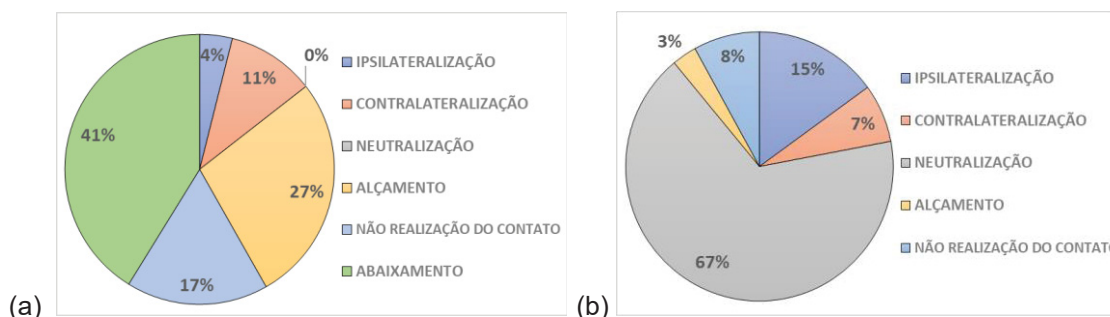
GRÁFICO 8 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS À CATEGORIA MÃO NÃO-DOMINANTE, POLEGAR E DEDO MINIMO



FONTE: (a) Elaborado por autor e (b) Silva e Xavier (2022, p. 8).

No que diz respeito aos processos relacionados à localização, a diferença que mais chama a atenção é a completa ausência de casos de neutralização na soletração manual e a predominância desse processo na produção de sinais em contexto. Embora não exclua a possibilidade de esse processo também ocorrer na soletração manual, hipotetizo que esses resultados reflitam o que Battison (1978) diz sobre haver uma área no espaço de sinalização específica para soletrar manualmente. Por outro lado, a considerável frequência de alçamentos e abaixamentos durante a soletração manual pode estar relacionada a fatores prosódicos – como, por exemplo, a marcação da letra manual mais proeminente – que devem ser mais bem investigados no futuro.

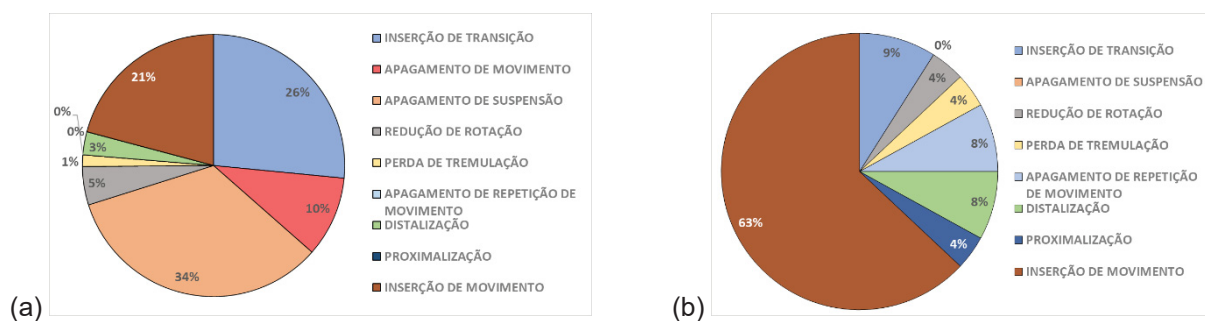
GRÁFICO 9 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS À LOCALIZAÇÃO



FONTE: (a) Elaborado pelo autor e (b) reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 9).

Por fim, em relação aos processos relacionados ao movimento, a diferença mais marcante entre os resultados deste estudo e o de Silva e Xavier (2022) se refere à predominância de inserção de movimento na produção de sinais. Esse resultado, na verdade, deve refletir a minha decisão de desconsiderar as soletrações claramente lexicalizadas e denominadas por Carvalho (2009) de empréstimos linguísticos. Com isso, restringi-me a inserções de movimento relativas a casos em que são produzidas duas letras iguais em sequência como, por exemplo, SS ou RR ou em que claramente um movimento com características diferentes daquelas típicas da soletração pode ser observado.

GRÁFICO 10 – COMPARAÇÃO DA FREQUÊNCIA DOS DIFERENTES TIPOS DE PROCESSOS RELACIONADOS AO MOVIMENTO



FONTE: (a) Elaborado pelo autor e (b) reproduzido de Silva e Xavier (2022, p. 10).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar processos fonológicos na soletração manual com base em Silva e Xavier (2020, 2022). Precisamente, objetivei verificar se os mesmos processos fonológicos identificados por Silva e Xavier (2020, 2022) na produção de sinais em contexto na libras ocorrem na soletração manual nessa mesma língua, bem como determinar se há processos fonológicos específicos à soletração manual, considerando seus contextos de ocorrência, ou seja, se internos ou externos à palavra soletrada.

A escolha desse tema foi motivada pela constatação de que, mesmo entre algumas pessoas surdas, a soletração manual é vista como secundária ou mesmo externa às línguas de sinais. Principalmente no exterior, há muitos estudos que mostram justamente o contrário e evidenciam que esse mecanismo é amplamente empregado em meio à sinalização para diferentes fins, entre eles o empréstimo de palavras da língua oral majoritária (BATTISON, 1978; BRENTARI; PADDEN, 2001; PADDEN, C. A.; GUNSAULS, 2003; CORMIER; SCHEMBRI; TYRONE, 2008).

O presente trabalho pretendeu endossar esses estudos, evidenciando que muitos dos mesmos processos fonológicos observados na sinalização corrente são também observados na soletração manual. Precisamente, dos 25 processos fonológicos identificados, documentados e descritos por Silva e Xavier (2020, 2022) na libras, 17 foram encontrados na soletração manual. A não identificação de oito dos 25 tipos de processos se deve a restrições fonológicas dos sinais que compõem o alfabeto manual da libras. Nesse sentido, o estudo mostrou também a ocorrência de processos na soletração manual que não foram observados no estudo de Silva e Xavier (2020, 2022) como o abaixamento (da mão dominante) e o apagamento de movimento. Apesar de tais processos não terem sido encontrados no estudo sobre a produção dos sinais, não considero que tais processos sejam exclusivos à soletração manual. Sendo assim, é possível que possam também ser encontrados na sinalização corrente.

Por fim, em relação aos contextos de ocorrência, identifiquei tanto casos de sândi interno, quanto casos de sândi externo. Nesse último caso, observei que a

influência do sinal anterior ou posterior à soletração resultou não apenas na assimilação, mas também na ipsilateralização e na contralateralização.

7.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Como visto no capítulo 3 desta dissertação, os trabalhos que analisam processos fonológicos na soletração em libras são ainda escassos. Ciente disso, este trabalho objetivou contribuir com o avanço da nossa compreensão nesse campo, demonstrando a ocorrência na soletração manual de processos atestados na produção de sinais em contexto. No entanto, há ainda muito a ser feito e, por isso, sugiro algumas pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir do presente estudo. A meu ver, trabalhos futuros poderiam:

- Aumentar o tamanho da amostra do canal de Roberto Castejon para eventualmente identificar processos fonológicos não encontrados nesta pesquisa e para observar se as frequências obtidas se mantêm ou não;
- Analisar os erros na soletração e tentar identificar suas possíveis causas;
- Analisar soletrações manuais de outros sinalizantes surdos a fim de examinar a variação intersujeito na ocorrência de processos fonológicos na soletração;
- Explorar a interação entre fonologia e sintaxe, objetivando observar de que forma esta última pode influenciar na ocorrência de processos fonológicos;
- Examinar os casos em que uma mesma letra manual pode sofrer mais de um processo fonológico dependendo do contexto de produção;
- Determinar quais letras manuais sofrem mais processos fonológicos e o porquê disso;
- Realizar uma análise fonética dos dados semelhante à proposta por Johnson e Liddell (2011, 2012) para ASL e para libras por Alecrim (2022);
- Coletar soletrações de ouvintes usuários de libras como L2 com diferentes níveis de proficiência, analisá-las de acordo com as categorias propostas neste estudo a fim de verificar o grau de aproximação com as categorias encontradas no sinalizando nativo.

REFERÊNCIAS

ABERNATHY, E. R. An historical sketch of the manual alphabets. *American Annals of the Deaf*, 104, p. 232–240, 1959.

ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 841-861.

ALECRIM, E. C. A variação fonético-fonológica da configuração de mão na libras. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

BATTISON, R. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978. 240p.

BRENTARI, D.; PADDEN, C. A. Native and Foreign Vocabulary in American Sign Language: A Lexicon with Multiple Origins. In: BRENTARI, D., (Ed.). *Foreign Vocabulary in Sign Language: A Crosslinguistic Investigation of Word Formation*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 87-119.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S.; VIGGIANO, K. Q. F.; RAPHAEL, W. D.; LUZ, R. D. 2004. O desafio do bilingüismo na educação do surdo: Descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética e estratégias para resolvê-la. In: CAPOVILLA, F. C. (Org.). *Neuropsicologia e aprendizagem: Uma abordagem multidisciplinar*. 2 ed. p. 261-274. São Paulo: Memnon.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. *Novo DEIT-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2013. 2 v.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CORDEIRO, R. A. A. *Sinal Datilológico em Libras*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CORMIER, K.; SCHEMBRI, A.; TYRONE, M.E. One hand or two?:nativisation of fingerspelling in ASL and BANZSL. *Sign Language & Linguistics*, v. 11, n. 1. p. 3-44, 2008.

DINIZ, H. G. Descrição da variação fonético-fonológica na letra manual “E” em Libras. *Revista Linguística: Pesquisa sobre língua de sinais*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 452-459, 30 dez. 2020. *Revista Linguística*. <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a37488>. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rl/article/view/37488>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FELIPE, T. A. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Rio de Janeiro, Acessibilidade Brasil – Versão 3, 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 03 set. 2022.

FELIPE, T. A.; LIRA, G. A. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Rio de Janeiro, Acessibilidade Brasil - CORDE. Versão 2.0, 2005.

FERNANDES, L. A. Lematização de sinais puramente datilológicos no dicionário Novo DEIT-LIBRAS. Revista (Entre Parênteses), Número 8, Volume 1, 2019.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. Toward a phonetic representation of hand configuration: The fingers. Sign Language Studies, v. 12, n. 1, p. 5-45, 2011.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. Toward a phonetic representation of hand configuration: The thumb. Sign Language Studies, v. 12, n. 2, p. 316-333, 2012.

NASCIMENTO, C. B. do. Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the Alphabet Came to Be Used in a Sign Language. Sign Language Studies, v.4, n.1, p. 10-33, 2003.

PINHEIRO, V.; XAVIER, A. N. Análise preliminar de empréstimos linguísticos do português na libras via alfabeto manual. In: XXI SEMANA DE LETRAS, 2, 2019, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2019, p. 45-55.

POWER, J. M.; GRIMM, G. W.; LIST, J-M. Evolutionary dynamics in the dispersal of sign languages. R. Soc. open sci., n. 7: 191100, 2020.

QUINTO-POZOS, D. Outlining Considerations for the Study of Sign Language Contact. In: QUINTO-POZOS, D. (Org.). Sign Languages in Contact. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2007. p. 1-28.

REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. Rev. Bras. Educ. [online]. 2007, vol.12, n.35, pp.308-326.

SILVA, A. R. Análise de processos fonológicos da libras em produções de um sinalizante Surdo. [TCC em libras publicado em vídeo, 56m43s, Youtube – não listado]. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura de Letras Libras – UFPR, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lwl-bzeNugM>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na libras. HUMANIDADES & INOVAÇÃO, v. 7, p. 58-84, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Processos fonológicos na libras em produção de dois sinalizantes surdos. INTERLETRAS, V.11, n.36. nov/2022-mai/2023. “Duas décadas da Lei da Libras: avanços no âmbito linguístico e educacional”. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/conteudo/artigos/01.pdf?v=36>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, F. M. da. Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa. Littera Online, 2, 2011. p. 72-88.

XAVIER, A. N.; AGRELLA, R. P. Brazilian Sign Language (Libras). In: JEPSEN, J. De CLERK, G.; LUTALO-KIINGI, S. Sign Languages of the World. De Gruyter, 2015, p. 129-158.

XAVIER, A. N. Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (libras). 2014. 158 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

APÊNDICE 1 – LISTA DE VÍDEOS DO CANAL DO YOUTUBE DE ROBERTO CASTEJON UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS

Ord.	Título do vídeo	PS*	Tempo	MP**
1	TOPS 5 SÉRIES	60	00:13:36	00:00:14
2	JANEIRO POLÊMICO	39	00:12:42	00:00:20
3	GO GOGO GOIANIA	28	00:10:51	00:00:23
4	10 TRUQUES DO IPHONE QUE TALVEZ NÃO SAIBAM	59	00:12:46	00:00:13
5	A PRIMEIRA VEZ QUE FUI ASSALTADO	28	00:08:40	00:00:19
6	JA TOMAMOS BANHO JUNTO	- ø -	00:00:00	00:00:00
7	ANIME É SÓ PROS VIRJÕES	42	00:08:59	00:00:13
8	DEEP WEB É COISA DO DIABO +18	50	00:12:03	00:00:14
9	FUI FLAGRADO PELO TIO GOOGLE	52	00:10:37	00:00:12
10	ATEÍSMO E AGNOSTICISMO SÃO IGUAIS?	- ø -	00:00:00	00:00:00
11	VOCÊS PREFEREM QUIBE OU COZINHA?	- ø -	00:00:00	00:00:00
12	MAIOR ACIDENTE RADIOATIVO DO BRASIL	61	00:11:51	00:00:12
13	MISTÉRIO DOS DOIS TRIANGULOS	62	00:12:48	00:00:12
14	MINHA PRIMEIRA TATUAGEM COM TRIO	- ø -	00:00:00	00:00:00
15	FIZ TATUAGEM, ME ARREPENDEI, E AGORA?	17	00:07:01	00:00:25
16	SER SURDO É TÃO DIFÍCIL?	33	00:11:25	00:00:21
17	REAPARECIMENTO DO ACRIANO	49	00:10:00	00:00:12
18	NÓS NUNCA MANDAMOS NUDES?	- ø -	00:00:00	00:00:00
19	HAPPY LATE HALLOWEEN	- ø -	00:00:00	00:00:00
20	MEU PRIMEIRO BEIJO	11	00:07:36	00:00:41
21	COMO ASSIM A TERRA É PLANA?	47	00:14:23	00:00:18
22	SE EU FOSSE THE FLASH	11	00:06:35	00:00:36
23	PIOR REVEILLON DA MINHA VIDA	- ø -	00:00:00	00:00:00
24	PESTE NEGRA É CASTIGO DE DEUS	85	00:23:39	00:00:17
25	BETO NERA HETERO?	67	00:12:27	00:00:11
26	OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS	118	00:41:09	00:00:21
27	FILMES LEGAIS DA DEEP WEB +18	112	00:20:54	00:00:11
28	JÁ TRANSEI NO BANHEIRO?	29	00:10:04	00:00:21
29	QUEM É O PAI DA AVIAÇÃO?	141	00:26:52	00:00:11
30	BEM VINDO AO MUNDO DOS SURDOS	155	00:51:56	00:00:20
31	STAN LEE: EXCELSIOR	142	00:34:46	00:00:15
32	10 LEIS MAIS BIZARRAS DO MUNDO	- ø -	00:00:00	00:00:00
33	10 PRAIAS MAIS PERIGOSAS DO MUNDO	97	00:42:03	00:00:26
	TOTAL	1595	7:15:43	00:00:16

*Palavra Soletrada

**Média por palavra

APÊNDICE 2 – LISTA DE PALAVRAS SOLETRADAS

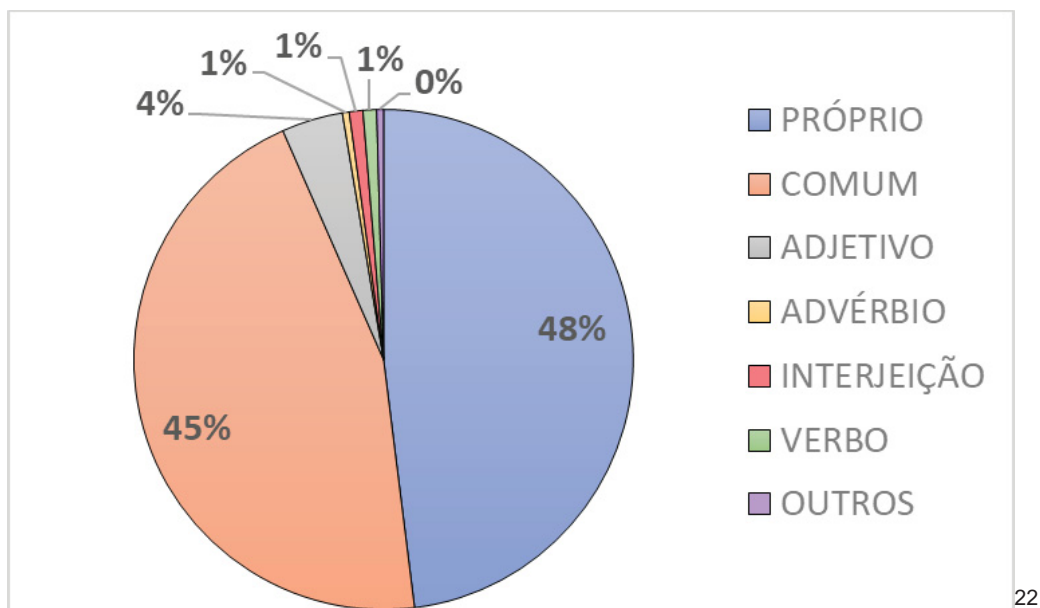
Ord.	Vídeo	Palavra soletrada	Classes gramatical
1	1	REINOS	substantivo próprio
2	1	JOGO	substantivo comum
3	1	SUSPENSE	substantivo comum
4	1	NETFLIX	substantivo comum
5	1	CENAS	substantivo comum
6	1	ZUMBI	substantivo comum
7	1	GOT (Game of Thrones)	substantivo próprio
8	2	VALDEMIRO	substantivo próprio
9	2	HIGINO	substantivo próprio
10	2	NUDES	substantivo comum
11	2	CENSURA	substantivo comum
12	2	PERNA	substantivo comum
13	2	PERFIL	substantivo comum
14	2	CANAL	substantivo comum
15	2	WHEY	substantivo próprio
16	2	SUPERESTIMADA	substantivo comum
17	3	BOTA	substantivo comum
18	3	ALPHAVILLE	substantivo próprio
19	3	VIP	substantivo comum
20	3	PEQUI	substantivo comum
21	3	HIPPIE	substantivo comum
22	3	PAPAI	substantivo comum
23	3	ATA	interjeição
24	3	SAÍDA	substantivo comum
25	3	BBB - Big Brother Brasil	substantivo próprio
26	3	GPS - Sistema de Posicionamento Global	substantivo próprio
27	4	FUNDO	substantivo comum
28	4	GESTO	substantivo comum
29	4	TOUCH	verbo
30	4	PROTEGIDO	adjetivo
31	4	TECLADO	substantivo comum
32	4	TOQUE	substantivo comum
33	4	VIBRAÇÃO	substantivo comum
34	4	ALARME	substantivo comum
35	4	EDITAR	verbo
36	4	ALTERAR	verbo
37	5	FAVELADO	adjetivo
38	5	CARALHO	interjeição
39	5	SARGENTO	substantivo comum
40	5	APP (aplicativo)	substantivo comum
41	7	MANGA	substantivo comum
42	7	GÊNERO	substantivo comum
43	7	AVENTURA	substantivo comum
44	7	ECCHI	substantivo comum
45	8	IP - protocolo da rede	substantivo comum

46	8	NÍVEL	substantivo comum
47	8	TOR - rede de anonimato	substantivo próprio
48	8	TORRENT	substantivo próprio
49	8	CIA	substantivo comum
50	9	FLAGRA	substantivo comum
51	9	ALIEN	substantivo comum
52	9	AREA	substantivo comum
53	9	BARRY	substantivo próprio
54	9	FLASH	substantivo comum
55	9	CRUSH	verbo
56	9	ANTONIO	substantivo próprio
57	9	MEXILHAOZINHO	substantivo comum
58	9	TREM	substantivo comum
59	9	SHIVA	substantivo próprio
60	9	EZIEKIEL 'Ezekiel'	substantivo próprio
61	9	CAROL	substantivo próprio
62	9	NEGAN	substantivo próprio
63	9	MESSI	substantivo próprio
64	9	OVO	substantivo comum
65	12	CHERNOBYL	substantivo próprio
66	12	CS - céσιο	substantivo comum
67	12	BA - bário	substantivo comum
68	12	PARANAÍBA	substantivo próprio
69	12	IGR - Instituto Goiano de Radioterapia	substantivo próprio
70	12	PEÇA	substantivo comum
71	12	SAL	substantivo comum
72	12	ADMILSON	substantivo próprio
73	12	ISRAEL	substantivo próprio
74	12	CAIXÃO	substantivo comum
75	13	VOO	substantivo comum
76	13	RADAR	substantivo comum
77	13	RÁ	substantivo próprio
78	13	JOSEPH (Joseph Monaghan)	substantivo próprio
79	13	MELBOURNE	substantivo próprio
80	13	PHYSICS	substantivo próprio
81	13	GUAM	substantivo próprio
82	13	OSNIS	substantivo próprio
83	13	AMELIA (Amelia Earhart)	substantivo próprio
84	13	S.O.S - save our souls	substantivo comum
85	13	RADIO	substantivo comum
86	13	NIKUMARORO	substantivo próprio
87	15	MILHÃO	substantivo comum
88	15	BABY	substantivo comum
89	15	IBRAHIMOVIC	substantivo próprio
90	15	PMA – Programa Mundial de Alimentos	substantivo próprio
91	17	ATHOS	substantivo próprio
92	17	RIM	substantivo comum
93	17	GIORDANO	substantivo próprio

94	17	ABSORÇÃO	substantivo comum
95	17	FAMA	substantivo comum
96	20	NERD	adjetivo
97	21	TERRAPLANISTAS	substantivo comum
98	21	TELEOBJETIVA	substantivo comum
99	21	FERNÃO	substantivo próprio
100	21	MACTCHAN 'Mactan'	substantivo próprio
101	22	TROUXA	substantivo comum
102	22	DUBAI	substantivo próprio
103	22	JANTAR	substantivo comum
104	24	TEODÓSIA	substantivo próprio
105	24	GEOVESIA 'Gênova'	substantivo próprio
106	24	PULMÃO	substantivo comum
107	24	JUDEU	substantivo comum
108	24	ERVAS	substantivo comum
109	24	VARA	substantivo comum
110	24	MODA	substantivo comum
111	24	PAPA	substantivo comum
112	24	GIOVANNI (Giovanni Ventura)	substantivo próprio
113	24	PAVIA	substantivo próprio
114	24	NIALL (Niall Ó Glacán)	substantivo próprio
115	24	DONO	substantivo comum
116	24	DIAS	substantivo comum
117	24	YERSIN	substantivo próprio
118	24	ESQUILO	substantivo comum
119	24	HAMSTER	substantivo comum
120	24	MADASAGAR 'Madagascar'	substantivo próprio
121	25	WIKIPEDIA	substantivo próprio
122	25	AFIM	adjetivo
123	25	CANTINA	substantivo comum
124	25	K-POP - música popular coreana	substantivo próprio
125	25	BI (bissexual)	substantivo comum
126	25	MUSCULO	substantivo comum
127	25	GLUTEO	substantivo comum
128	25	NADA	substantivo comum
129	25	IVETE (Ivete Sangalo)	substantivo próprio
130	25	CLAUDIA (Claudia Leite)	substantivo próprio
131	26	ASTRONAUTA	substantivo comum
132	26	COSMONAUTA	substantivo comum
133	26	TESTE	substantivo comum
134	26	CÉU	substantivo comum
135	26	ESPAÇO	substantivo comum
136	26	AR	substantivo comum
137	26	CAROLINE (Caroline Kennedy)	substantivo próprio
138	26	PUNISKHA 'Pushinka'	substantivo próprio
139	26	MERCURY (Mercury-Redstone)	substantivo próprio
140	26	ZOO	substantivo comum
141	26	CAPSULA	substantivo comum

142	26	VOLGA	substantivo próprio
143	26	PAVEL (Pavel Belyayev)	substantivo próprio
144	26	VOSKHOD (foguetete)	substantivo próprio
145	26	METROS	substantivo comum
146	26	SERGEI (Sergei Korolev)	substantivo próprio
147	26	GEMINI (missão)	substantivo próprio
148	26	NUNCA	advérbio
149	26	SOMBRA	substantivo comum
150	27	BEN (Ben Wheatley)	substantivo próprio
151	27	JAY	substantivo próprio
152	27	GAL	substantivo próprio
153	27	ZACHARDY 'Zachary'	substantivo próprio
154	27	OMEGLE	substantivo próprio
155	27	MARTIN (Martin Weisz)	substantivo próprio
156	27	ALBERGUE	substantivo comum
157	27	HOSTEL	substantivo comum
158	27	SIX (Tom Six)	substantivo próprio
159	27	ALEX (Alex Winter)	substantivo próprio
160	27	HACKERS	substantivo comum
161	28	TWITTER	substantivo próprio
162	29	PLANADORES	substantivo comum
163	29	CHANUTE	substantivo próprio
164	29	PALMIRA (atual Santos Dumont - MG)	substantivo próprio
165	29	MG	substantivo próprio
166	29	DEUTSCH (Prêmio Deutsch de la Meurthe)	substantivo próprio
167	29	OISEAU (Oiseau de Proie)	substantivo próprio
168	29	AEROCLUBE	substantivo comum
169	29	POLIMATA	adjetivo
170	29	GOLPISTA	adjetivo
171	29	VLOG	substantivo comum
172	30	a.C (Antes de Cristo)	outros
173	30	ZEUS	substantivo próprio
174	30	CONTEMPROMAEA 'contemporânea'	substantivo comum
175	30	HARTFORD (Hartford - EUA)	substantivo próprio
176	30	MABEL (Mabel Gardiner)	substantivo próprio
177	30	KAPOU 'Kaapor'	substantivo próprio
178	30	LKSB (Língua de Sinais Kaapor-Urubu)	substantivo próprio
179	30	MAGISTÉRIO	substantivo comum
180	30	ANCINE	substantivo próprio
181	30	AUSTRIA	substantivo próprio
182	30	AUSTRIANO 'austríaco'	Adjetivo
183	30	AKTION (programa nazista de eutanasia)	substantivo próprio
184	30	TURQUESA	substantivo adjetivo
185	31	BL (Blumenau - SC)	substantivo próprio
186	31	BC (Baln. Cambóriu - SC)	substantivo próprio
187	31	WTF (whatthefuck)	substantivo comum
188	31	MANTHAM 'Manhatan'	substantivo próprio

189	31	ROMENIA	substantivo próprio
190	31	SALA	substantivo comum
191	31	ROBBIE (Robbie Sollomon)	substantivo próprio
192	31	TIMELY	substantivo próprio
193	31	PULPS (revistas pulps)	substantivo comum
194	31	JEAN	substantivo próprio
195	31	ARMA	substantivo comum
196	31	DESTROYER	substantivo próprio
197	31	DESTRUIDOR	substantivo próprio
198	31	SLOGAN	substantivo comum
199	31	CARTOON	substantivo próprio
200	31	FRASES	substantivo comum
201	31	CREPUSCULO	substantivo próprio
202	31	ATLAS	substantivo comum
203	31	JOAN	substantivo próprio
204	31	CONTA	substantivo comum
205	31	X-MEN	substantivo próprio
206	31	VINAGADORES 'Vingadores'	substantivo próprio
207	31	THOR	substantivo próprio
208	31	HOLLYWOOD	substantivo próprio
209	31	UCM (Universo Cinematográfico Marvel)	substantivo próprio
210	31	STUDIOS	substantivo próprio
211	31	BARRADOS (Barrados no Shopping)	substantivo próprio
212	33	RECIFES	substantivo comum
213	33	GANSAHI 'Gansbaai'	substantivo próprio
214	33	MUMBAI	substantivo próprio
215	33	GANESGAI 'Ganesh'	substantivo próprio
216	33	HANAPAKAPIAI 'Hanapakiai'	substantivo próprio
217	33	PLACA	substantivo comum
218	33	AQUAMAN	substantivo próprio
219	33	KILAUEA	substantivo próprio
220	33	MAIO	substantivo próprio
221	33	OBISIDIANA 'Obsidiana'	substantivo próprio
222	33	MIDIA	substantivo comum
223	33	CHAVES	substantivo próprio
224	33	SIRIA	substantivo próprio
225	33	AFEGANISTÃO	substantivo próprio
226	33	DINGO	substantivo comum
227	33	ASIA	substantivo próprio



22

²² As 227 soletrações analisadas são listadas no APENDICE 2. Lá também apresento um gráfico mostrando que, assim como no estudo de Padden e Gunsauls (2003), predominam entre as soletrações referentes a substantivos do português.